



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA-UnB
FACULDADE UnB PLANALTINA -FUP
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO -LEdoC

MARINA ANA BAPTISTA MACHADO

**PLANTAS MEDICINAIS SUAS CARACTERÍSTICAS E USOS NO
ASSENTAMENTO PONTAL DO MARAPE – MT: UM ESTUDO NO
CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO**

Planaltina - DF
2014

MARINA ANA BAPTISTA MACHADO

**PLANTAS MEDICINAIS SUAS CARACTERÍSTICAS E USOS NO
ASSENTAMENTO PONTAL DO MARAPE – MT: UM ESTUDO NO
CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Educação do Campo com habilitação na área de Ciências da Natureza e Matemática.

Orientadora: Profa. Ms. Severina Alves de Almeida – Sissi.

Planaltina – DF
2014

MARINA ANA BAPTISTA MACHADO

**PLANTAS MEDICINAIS SUAS CARACTERÍSTICAS E USOS NO
ASSENTAMENTO PONTAL DO MARAPE – MT: UM ESTUDO NO
CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC, da Universidade de Brasília-UnB, como requisito parcial para a obtenção ao título de licenciado em Educação do Campo, com habilitação área de Ciências da Natureza e Matemática.

Aprovado em ___ / ___ / 2014

Banca Examinadora:

Prof.^aMs. Severina Alves de Almeida
Professora Orientadora UnB

Prof.^a Dr.^a Rosineide Magalhães de Sousa
Professora Avaliadora UnB

Prof.^a Dr.^a Eliete Ávila Wolff
Professora Avaliadora UnB

Planaltina – DF
2014

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a uma pessoa mais que especial em minha vida, meu esposo Moacir Nunes Machado, pela sua motivação, compreensão, e apoio incondicional durante estes quatro anos de curso, e em todos os momentos de minha vida, o que possibilitou a realização desse sonho.

A memória da minha eterna Mãezinha Djanira, que mesmo não estando mais comigo, continua me iluminando a minha caminhada e renovando as minhas esperanças, te amo e te amarei eternamente.

Aos meus lindos filhos, Reinaldo Junior, Mariana e Ana Maria pelo apoio carinho, não mediram esforços para que eu chegasse até essa etapa de minha vida. A três pessoas maravilhosas que Deus colocou em minha vida, minha nora Leila, e minhas netas Sophia e Isabella Teresa pelo apoio e carinho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus e a Santa Rita de Cassia, permitindo que tudo isso acontecesse ao longo de minha vida. Dando-me força, sabedoria na tomada das minhas decisões, nos momentos difíceis, e não somente nestes anos como universitária, mas em todos os momentos de minha vida, é o maior mestre que alguém pode conhecer.

Aos meus queridos pais que me deram a vida.

Ao meu pai que apesar de não ter tido a oportunidade de conviver muito tempo, pois Deus levou para junto dele quando eu só tinha sete anos de idade, lembro-me do seu carinho e amor para comigo. Amor eterno.

A minha mãe Djanira, o exemplo de mulher em minha vida, que dedicou sua vida aos filhos. Amo-te e te amarei eternamente.

Ao meu esposo Moacir, que amo partilhar a vida. Com você tenho me sentido mais viva. Obrigada por apoiar-me nestes quatro anos, e por cada semestre com seu carinho, paciência e compreensão, pelo companheirismo nas horas em que mais precisei.

Aos meus filhos, nora e netas, Reinaldo Junior, Mariana e Ana Maria, Leila, Sophia e Isabella Teresa pelo apoio e compreensão da minha ausência em suas vidas, meus amores incondicionalmente.

Aos meus sogros e segundos pais, por sempre me incentivar nos meus estudos, e não deixava desistir dessa caminhada.

Agradeço de forma especial a minha orientadora, Prof.^aMs. Severina Alves de

Almeida (Sissi) pela sua compreensão, dedicação e paciência, que não mediu esforços para me orientar-me, sempre me passando segurança para realização e conclusão dessa pesquisa. Um “anjo” que Deus colocou em minha vida o meu muito obrigada.

A todas minhas irmãs e irmão que mesmo estando longe me enviavam mensagens e palavras positivas para nunca desistir dessa caminhada.

A Universidade de Brasília – Planaltina, pela oportunidade de fazer o curso Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC.

Agradeço a todos (as) educadores (as) por me proporcionar o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional. Por tanto que se dedicaram a mim, não somente por terem me ensinado, mas por terem me feito aprender. A palavra “Mestre”, nunca fará justiça aos educadores (as) dedicados aos quais sem nominar terão os meus eternos agradecimentos.

Às pessoas da comunidade Pontal do Marape, que contribuíram para realização desse trabalho, tão importante para mim e para comunidade.

Aos meus amigos de curso de Linguagem e de CIEMA, pela oportunidade de aprender com cada um nas horas alegres e nos momentos difíceis, fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida com certeza. Em especial Daniele e Helena que por alguma razão particular desistiram do curso, mais que deixaram muitas saudades.

Às minhas amigas mais que especiais de quarto, pelos momentos que compartilharam as mesmas angustias, saudades da família, momentos alegres e sempre estavam preparadas para ajudar e dar força nos momentos de tristeza e dificuldades. A vocês amigas e irmãs Nicolaça (Nica) e Sandra os meus sinceros agradecimentos de coração.

A todos que fazem partes da minha família como: cunhadas, cunhados, sobrinhos, sobrinhas, tios e tias, afilhados e afilhadas, os mais chegados e a todos que contribuíram com sua força, conselho, ajuda e colaborações. Jamais os esqueceréis.

Ao Diretor, coordenadora, professores (as), e todos os funcionários da Escola Estadual Jorge Carlos Ferreira, por suas dedicações para comigo, me proporcionando a entrada nesse curso e abrindo portas para meus estágios e na realização deste trabalho.

Agradeço a todos aqueles que fizeram do meu sonho real, me proporcionando forças para que eu não desistisse de ir atrás do que eu buscava para minha vida. Muitos obstáculos foram impostos para mim durante esses quatro anos, mas graças a vocês eu não fraquejei.

As maravilhas de Deus estão a nosso dispor por toda a vida, basta que lutemos para conquistar o espaço que é nosso no mundo. Obrigada a todos que fizeram parte dessa minha longa e feliz trajetória.

Sou grata por tudo que me cerca, por tudo o que me acontece, até mesmo pelas decepções. Sou grata pela adversidade da vida que me desafia a ser melhor, a ser humana. Nada acontece em vão, e são desses momentos difíceis que se tira a lição.

"Procuro semear otimismo e plantar sementes de paz e justiça.
Digo o
que penso, com esperança. Penso no que faço, com fé. Faço o
que devo
fazer, com amor. Eu me esforço para ser cada dia melhor, pois
bondade
também se aprende. Mesmo quando tudo parece desabar,
cabe a mim
decidir entre rir ou chorar, ir ou ficar, desistir ou lutar; porque
descobri, no caminho incerto da vida, que o mais importante é
o
decidir." (Cora Coralina).

RESUMO

Neste trabalho trazemos os resultados de uma pesquisa realizada no assentamento Pontal do Marape, município de Nova estado do Mato Grosso. Trata-se de um estudo sobre a caracterização e uso das plantas medicinais. A pesquisa se efetivou mediante uma investigação quantiquantitativa, a partir da metodologia da pesquisa do tipo etnográfica. Os procedimentos foram aplicação de questionário e um roteiro de entrevistas com pessoas da comunidade, com a utilização das teorias de Creswell (2007); Almeida, Albuquerque e Aoki (2012); Ataíde (2013), dentre outros. O objetivo foi pesquisar, identificar, compreender e analisar as formas de uso das plantas medicinais e suas características mais peculiares. Os resultados permitem afirmar que as plantas medicinais não somente são usadas como uma prática de medicina alternativa pela comunidade do Pontal do Marape, como também faz parte de uma cultura que é preservada de geração para geração. Na comunidade, todos, desde criança, aprendem a valorizar e usar as plantas medicinais mediante a orientação dos mais velhos, que se preocupam em repassar os conhecimentos e saberes para os mais novos, favorecendo a perpetuação de uma parte importante da cultura do homem do campo. Sendo assim, a educação, notadamente a Educação do Campo, se apresenta como fator primordial, uma vez que possibilita aos camponeses apreenderem conhecimentos científicos que, agregados aos conhecimentos tradicionais, promoverão novos saberes, que serão repassados às gerações futuras.

Palavras chave: Plantas Medicinais; Uso das Plantas Medicinais; Educação do Campo.

ABSTRACT

In this work, we bring the results of a survey conducted in the Pontal do Marape, municipality of Nova Mutum, Mato Grosso. This is a study on the characterization and use of medicinal plants. The research was accomplished through a quantitative and qualitative research, from the research methodology of ethnographic type. The procedures were applied to questionnaire and interviews with people in the community, using the theories of Severina (2000); Creswell (2007); Almeida, Albuquerque and Aoki (2012); Ataide (2013), among others. The aim was to investigate, identify, understand and analyze the different uses of medicinal plants and its most distinctive characteristics. The results indicate that medicinal plants are not only used as a practice of alternative medicine by the Pontal do Marape, community and also part of a culture that is preserved from generation to generatdoion. In the community, everyone from children, learn to value and use medicinal plants through the guidance of the elders, who are concerned about passing on knowledge and learning to younger, favoring perpetuation of an important part of the culture of the rural. Therefore, education, notably the Field Education, presents itself as a key factor, as it enables farmers to grasp scientific knowledge that aggregates traditional knowledge, promote new knowledge, which will be passed on to future generations.

Keywords: Medicinal Plants; Use Of Medicinal Plants; Field Education.

LISTA DE ABREVIACÕES

CEFFAS	Centros famílias de formação por alternância
CEPE	Conselho de Ensino, pesquisa e extensão
CESPE	Centro Seleção e Promoção de Eventos
CFRs	Casas Familiares Rurais
CIEMA	Ciências da Natureza e Matemática
CNE/CEB de Base	Conselho Nacional do Esporte/Educação; Conselho de Entidades de Base
DNA	Desoxirribonucléico
EFAs	Escolas Famílias Agrícolas
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENERA	Encontro Nacional de Educadores de Reforma Agraria
FUP	Faculdade Universidade de Planaltina
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IES	Instituição de Ensino Superior
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

ITERRA Instituto técnico de capacitação e pesquisa da reforma agrária

LEdoC Licenciatura em Educação do Campo

MST Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra

MT Mato Grosso

PPP Projeto Político Pedagógico

PRONERA Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

SENAR Serviço Nacional de Aprendizagem Rural

TC Tempo Comunidade

TE Tempo Escola

UnB Universidade de Brasília

UNEFAB União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil

UNEMAT Universidade do Estado de Mato Grosso

LISTA DE FIGURAS, FOTOS E GRÁFICOS

Fig. (1). Mapa do Brasil destacando o estado do Mato Grosso.....	23
Fig. (2). Mapa do Mato Grosso informando onde se localiza A cidade de Nova Mutun.....	25
Fig. (3). Vista panorâmica de Nova Mutun.....	25
Fig. (4) Mapa do Estado do Mato Grosso.....	27
Fig. (5). Mapa do Assentamento Pontal do Marape.....	27
Foto (1). Moradores do assentamento em evento público.....	28
Foto (2). Escola Jorge Carlos Ferreira.....	30
Foto (3). UnB Planaltina.....	37
Foto (4). FUP/UnB Planaltina – prédio das salas de aula da LEdoC.....	38
Foto (5). Fachada externa do prédio do alojamento da LEdoC	44
Foto (6). Área interna do prédio do alojamento da LEdoC.....	45
Foto (7). Sala onde funciona a Ciranda da LEdoC.....	46
Foto (8). Sala onde funciona a Ciranda da LEdoC.....	46
Foto (9). Erva de Santa Maria (Mastruz).....	73
Foto (10): Hortelã (Mentha Crispa).....	74
Foto (11). Babosa.....	76

Foto (12). Algodoeiro.....	79
Foto (13). Capim Cidreira.....	81
Foto (14). Macela.....	82
Foto (15). Boldo.....	78
Foto (16). Terramicina.....	85
Gráfico (1).....	55
Gráfico (2).....	72

SUMÁRIO

Introdução.....	14
Capítulo I: Bases metodológicas: O contexto da realização da pesquisa.....	17
1.1. Justificativa.....	17
1.2. Objetivos.....	18
1.2.1. Objetivo geral.....	18
1.2.2. Objetivo específicos.....	18
1.3. Metodologia da pesquisa.....	18
1.3.1. Tipo de pesquisa e técnicas de coleta de dados.....	19
1.3.1.1. Forma de abordagem.....	19
1.3.1.2. Pesquisa do tipo Etnográfica: procedimentos e fases.....	20
1.3.1.3. Entrevistas e questionários.....	22
1.4. O contexto de realização da pesquisa.....	23
1.4.1. O Estado do Mato Grosso.....	23
1.4.2. Histórico do Município de Nova Mutum.....	26
1.5. Infra Estrutura do Assentamento Pontal do Marape.....	27
1.6. Escola Jorge Carlos Ferreira.....	30

CAPITULO II: Breve histórico da educação do campo e da LEdoc Licenciatura em Educação do Campo) da FUP/UnB- Universidade de Brasília.....	32
2.1. Educação do Campo: Marcos Teórico e Conceitual.....	32
2.1.1. Educação do Campo: Uma Política Publica.....	35
2.2. Licenciatura Em Educação Do Campo LEdoC FUP/UnB.....	37
2.2.1. Projeto Politico Pedagógico da LEdoC: uma síntese.....	40
2.2.1.1. Objetivos do curso.....	42
2.2.1.2. Pedagogia da Alternância.....	42
2.2.2.3. A Pedagogia da Alternancia na LEdoC/FUP.....	44
Capitulo III: Resultado e discussão – os conhecimentos Etnobotânicos e Fitoterapicos da comunidade do Assentamento Pontal do Marape.....	49
3.1. Etnobotânica e Fitoterapia: as plantas medicinais.....	49
3.1.1. Etnobotânica.....	50
3.1.1.1. Aplicações.....	50
3.1.1.2. Importância.....	51
3.1.2. Fitoterapia.....	51
3.1.3. Conceitos de plantas medicinais.....	52

3.2. Resultado e discussão: as plantas medicinais e suas formas de uso na comunidade do assentamento Pontal do Marape.....	53
3.2.1. As plantas medicinais conhecidas e utilizadas na Comunidade.....	54
3.2.2. Relação das plantas medicinais mais conhecidas e utilizadas pela comunidade do pontal do Marape.....	70
Considerações Finais.....	88
Referências	89
Anexos	95

INTRODUÇÃO

O ser humano é capaz de ingerir quase tudo para se alimentar, desde secreções mamárias (leite) até cristais minerais (sal comum), passando por frutos, flores, sementes, talos, folhas, raízes, algas, fungos, ovos de peixes ou de aves e corpos mortos de vários animais (ROGER, 2006, p.15).

Este trabalho traz os resultados de uma pesquisa sobre a caracterização e uso das plantas medicinais no assentamento Pontal do Marape, município de Nova estado do Mato Grosso.

Como estudante da Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), da Faculdade da UnB Campus de Planaltina, com habilitação na área de CIEMA (Ciências da natureza e matemática), me senti estimulada a fazer uma pesquisa sobre as plantas medicinais e sua incidência e uso na comunidade Pontal do Marape, onde moro. O intuito foi estudar as práticas do uso da medicação utilizada pelas famílias, considerando o conhecimento, os saberes e a cultura dos mais velhos, que vem repassando essa prática de geração para geração.

Conforme Lorenzi e Matos (2002), todo este conhecimento etnobotânico foi passado oralmente ao longo de gerações, que juntamente com mitos e rituais, são aspectos importantes das culturas locais. Nesse sentido, o homem, ao proceder assim, preserva os saberes tradicionais e perpetua os conhecimentos adquiridos dos mais velhos, muitas vezes trocando receitas com outras pessoas, o que contribui para um convívio que promove a solidariedade entre as pessoas.

No dia-a-dia do assentamento Pontal do Marape as famílias têm uma relação ostensiva com as plantas, cultivadas em um canteiro ou colhidas na mata, elas sabem tudo a respeito de cada planta. Saliento que a comunidade conta com orientação sobre saúde com alguns cursos promovidos pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), quando aprendem técnicas de cultivo das plantas, procedimentos de como fazer os chás, xarope, pomada, etc.

Essa ação do SENAR é importante, pois a aquisição do conhecimento de como fazer a dosagem, o preparo correto e quais plantas servem para tratamento de

determinada enfermidade, facilita a vida das pessoas quando precisam de um remédio. Eu, como moradora do assentamento, faço uso desse tipo de medicina.

A pesquisa se efetivou mediante uma investigação quantiquantitativa, a partir dos procedimentos da pesquisa do tipo etnográfica. Além de um roteiro de entrevistas com pessoas da comunidade, também observei pessoas da minha família (minha sogra, tias e amigas) quando, em roda de conversa, hábito comum no assentamento, trocam receitas de remédios caseiros, discutem técnicas de como colher a planta, como fazer o remédio, tempo de validade e como se devem organizar as folhas, cascas e raízes coletadas, etc.

Com efeito, o estudo trata da caracterização e uso das plantas medicinais no assentamento Pontal do Marape, e se fundamenta teoricamente no diálogo com os autores como: Lorenzi e Matos (2002); Creswell (2007); Almeida, Albuquerque e Aoki (2012); Ataíde (2013), dentre outros.

O objetivo foi fazer um levantamento de informações para analisar e compreender as formas de uso das plantas medicinais e suas características mais peculiares. Para isso, foi necessário observar o uso que as pessoas mais velhas e também os jovens fazem no cotidiano da vida no assentamento.

Este trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo trato de descrever a metodologia, seus procedimentos (questionário qualitativo e quantitativo) utilizados para a coleta de dados. No segundo capítulo traço um breve histórico sobre a educação do campo e LEdoC (Licenciatura em Educação do Campo) da Universidade de Brasília. No terceiro capítulo apresento os resultados, analiso e discuto os dados. Destaco um quadro com a identificação das plantas medicinais constando os nomes populares e científicos, bem como seu modo de uso.

Como educanda da LEdoC em formação, e moradora do assentamento, pretendo, com este trabalho, contribuir com a comunidade do Pontal do Marape MT, no sentido de entender melhor o manuseio das plantas medicinais, onde os camponeses possam ser construtores de suas histórias de vida, valorizando, também seus conhecimentos tradicionais.

Anseio também que venha possibilitar a outros pesquisadores o interesse pelas variedades das plantas medicinais. Afinal, a sociedade, seja na zona rural ou urbana, tem seus conhecimentos e saberes que não devem se perder.

Finalmente, espero que este trabalho também possa servir para uso dos estudantes na escola, contribuindo, assim, com a manutenção do conhecimento acerca das plantas medicinais, desde que estas são parte constitutiva de uma cultura milenar.

CAPITULO I

BASES METODOLÓGICAS: O CONTEXTO DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA

A investigação realizada no assentamento do Pontal do Marape, município de Nova Mutum, MT, se configura como uma pesquisa quantiquantitativa do tipo etnográfica. O pesquisador utiliza-se da pesquisa etnográfica, onde se familiariza com o problema existente no assentamento. Aproxima-se do entrevistado adquirindo sua confiança, e assim pode construir hipóteses, coletar dados e levantar informações.

1.1. JUSTIFICATIVA

A pesquisa foi pensada a partir das aulas História e Memória ministradas pela professora Laís Mourão de Sá, quando realizei um levantamento de dados encaminhado como atividade em TC Tempo Comunidade, durante o curso na LEdoC com o intuito de conhecer a história do assentamento Pontal do Marape. Através deste trabalho, percebi a necessidade de realizar uma pesquisa sobre um assunto de interesse da comunidade. Então resolvi tratar do uso e das características das plantas medicinais no assentamento, e registrar os resultados em uma monografia para concluir o curso de Licenciatura em Educação do Campo.

A relevância da pesquisa consiste no fato de que comunidades rurais, dentre estas a do assentamento Pontal do Marape, objeto do estudo, fazem uso sistemático das plantas medicinais em seu cotidiano. Muitas pessoas agem aleatoriamente, o que pode colocar em risco a saúde, pois as plantas também precisam de cuidado quando utilizadas como remédio, uma vez que algumas possuem um teor tóxico.

Dessa forma considero importante um trabalho no qual que investigue as propriedades e ou usos das plantas medicinais, que também pode auxiliar estudantes e pessoas da comunidade na dinâmica do uso das plantas com finalidade terapêutica, pois, além de contribuir de forma acadêmica, pode ser um modo de preservar um aspecto da cultura tradicional dos povos do campo.

1.2. OBJETIVOS

Elementos essenciais de uma pesquisa, os objetivos devem, de forma clara, identificar o problema e apresentar a delimitação do estudo. Apresentam-se os objetivos de forma geral e específica. O objetivo geral define o que o pesquisador pretende atingir com sua investigação. Já os objetivos específicos determinam etapas do trabalho a serem realizadas para que se alcance o objetivo geral, e podem ser exploratórios, descritivos e explicativos (MARCONI E LAKATOS, 2007).

Nesse sentido apresento os objetivos da pesquisa conforme segue.

1.2.1. Objetivo geral: Pesquisar, identificar e analisar as plantas medicinais, suas principais características e formas de uso, na comunidade rural do Assentamento Pontal do Marape, município de Nova Mutum, estado do Mato Grosso.

1.2.2. Objetivos específicos

- ✓ Identificar as variedades das plantas medicinais na comunidade, sua nomenclatura científica, popular, formas de uso e indicação;
- ✓ Descrever as propriedades e os usos das plantas medicinais identificadas.
- ✓ Entender como a comunidade utiliza as plantas no seu cotidiano.
- ✓ Divulgar os conhecimentos resultantes da pesquisa para a comunidade, a importância de uso das plantas medicinais no cotidiano das famílias do campo, que além do uso medicamentoso, também se apresenta como um aspecto relevante na preservação da cultura tradicional.

1.3. METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa é quantiqualitativa com procedimentos da pesquisa do tipo etnográfica. Inicialmente foram elaborados questionário e um roteiro de entrevistas como base da coleta dos dados. Ao iniciar o trabalho de levantamento de dados mediante a aplicação do questionário e as entrevistas, observei que as pessoas mostraram muito satisfeitas de estar respondendo sobre o uso de plantas

medicinais, o que facilitou o desenvolvimento do trabalho, que se efetivou de forma participativa.

1.3.1. Procedimentos: Tipo de Pesquisa

Em relação ao tipo de pesquisa e às técnicas para a coleta de dados, estas se deram a partir dos estudos de Ataíde (2013), mediante os seguintes procedimentos: Pesquisas: bibliográfica, documental e do tipo etnográfica com entrevistas e aplicação de questionários.

Inicialmente, realizei uma pesquisa bibliográfica. De acordo com Amaral (2007) *apud* Ataíde (2013), a pesquisa bibliográfica é uma etapa fundamental em todo trabalho científico que influenciará todas as demais etapas de uma pesquisa, na medida em que fornece o embasamento teórico que sustentará a análise dos dados. Esse procedimento consiste no levantamento, seleção, fichamento e arquivamento de informações relacionadas à pesquisa. Segundo Duarte (2002) *apud* Ataíde (2013), abrange toda ou parte da bibliografia já tornada pública em relação ao tema estudado, desde publicações avulsas, boletins, livros, monografias, teses, material cartográfico, até meios de comunicação.

1.3.1.1. Forma de Abordagem

A pesquisa se apresenta como quatiqualitativa. É qualitativa uma vez que sua abordagem é eminentemente descritiva e seus procedimentos indutivos, considerando a existência de uma relação dinâmica entre mundo real e sujeito. É quantitativa, uma vez que atualmente o campo científico aponta uma tendência para o surgimento de um novo paradigma metodológico. Um modelo que consiga atender plenamente as necessidades dos pesquisadores (ATAIDE, 2013). Segundo a autora, essa dicotomia quantitativo x qualitativo, parece estar cedendo lugar a um modelo alternativo de pesquisa, o chamado quatiqualitativo, ou o inverso, quali quantitativo, dependendo do enfoque do trabalho

Segundo Günther (2006), citado por Almeida (2011), a pesquisa quatiqualitativa,

[...] enquanto participante do processo de construção de conhecimento, idealmente, o pesquisador não deveria escolher entre um método ou outro, mas utilizar as várias abordagens, qualitativas e quantitativas que se adequam à sua questão de pesquisa (GÜNTHER, 2006, p. 207) *apud* (ALMEIDA, 2011, p. 52).

Essa mesma autora recorre a Vasconcelos (2009) afirmando que de acordo com a natureza dos dados e da análise, as pesquisas podem ser qualitativas, quantitativas ou quantiqualitativas, pois uma completa a outra, desde que a maior parte das análises agrega ambas as abordagens. A análise quantitativa, por exemplo, depende de descrições qualitativas para interpretar os dados coletados estatisticamente. “[...] na abordagem qualitativa, torna-se necessária a identificação de muitos fatos e ocorrências do mesmo fenômeno, a fim de conferir maior confiabilidade à análise” (ALMEIDA, 2011, p. 52-53).

Segundo Creswell (2007), a metodologia quantitativa e qualitativa ou mista, possibilita ao pesquisador fazer a coleta de dados, pois o tema abre possibilidade proveitosa para o estudo relevante sobre o assunto pesquisado, levando em conta diferentes saberes.

1.3.1.2. Pesquisa do Tipo Etnográfica: Procedimentos e Fases

Ao optar por trabalhar com a pesquisa do tipo etnográfica, o pesquisador precisar estar atento para o fato de que precisará, necessariamente, entrar em contato com a comunidade e/ou a pessoa que vai ser entrevistada, e que precisa organizar com cuidado um roteiro de entrevista e também questionários.

Segundo Gil (2010):

O pesquisador que se dispõe a realizar uma pesquisa etnográfica assume uma visão holística com vistas a obter a descrição mais ampla possível do grupo pesquisado. A descrição pode incluir múltiplos aspectos da vida do grupo e requerer considerações de ordem histórica, política, econômica, religiosa e ambiental. Os dados obtidos, por sua

vez, precisam ser colocados numa perspectiva bem ampla para que assumam significado. Por outro lado, é preciso garantir que os resultados da pesquisa privilegiem a perspectiva dos membros do grupo investigado (GIL, 2010, p. 127).

Ao utilizar esse procedimento, o pesquisador mantém contato direto com o uma determinada comunidade e com pessoas, e assim a pesquisa assume um caráter participativo, aspecto inerente à pesquisa do tipo etnográfica. Conforme Almeida, Albuquerque e Aoki (2012), etnografia e observação participante se configuram como pesquisa de campo, uma vez que esta se efetiva mediante inserção do pesquisador no ambiente da pesquisa, observado os sujeitos envolvidos.

De acordo com esses autores, a pesquisa do tipo etnográfica permite ao pesquisador manter uma proximidade com o entrevistado, tendo em mãos um roteiro com perguntas elaboradas para ser guiado. Ademais, a etnografia facilita o pesquisador sistematizar a pesquisa de campo com transcrição, anotações, gravações, fotografia e filmagem.

Segundo Almeida, Albuquerque e Aoki (2012), à realização da pesquisa do tipo etnográfica antecedem alguns procedimentos que são conhecidos também como fases.

✓ **Primeira fase/procedimento: a escolha do tema e do campo**

Segundo Cardoso (2009) *apud* Almeida, Albuquerque e Aoki (2012), a escolha do tema é um momento fundamental, pois interfere em todo o trabalho posterior. Para os autores, esse é um momento de perplexidade e de inquietação. Todavia, é imperativo assegurar-se de que seu tema de pesquisa possa ser abordado no contexto de uma pesquisa de campo.

✓ **Segunda fase: preparar a pesquisa - o trabalho de documentação prévia²**

O pesquisador precisa elaborar um projeto e sistematizar todo o processo relativo à documentação prévia. No tocante às técnicas de pesquisa empregadas na pesquisa do tipo etnográfica, identificamos aqueles que oferecem ao pesquisador possibilidades de explorar o campo a partir dos sujeitos e das situações que surgem ao decorrer da investigação. De forma recorrente, em nossa pesquisa são utilizadas observação participante e entrevistas semidirigidas (ALMEIDA, ALBUQUERQUE E AOKI, 2012).

✓ **Terceira fase: observação participante**

A observação participante é uma fase da pesquisa etnográfica que se caracteriza por permitir ao pesquisador um contato pessoal – face a face – com o fenômeno pesquisado, mediante uma descrição detalhada da perspectiva dos sujeitos, o que pressupõe uma estadia longa em campo (ALMEIDA, ALBUQUERQUE E AOKI, 2012).

✓ **Entrevista**

A entrevista é uma técnica utilizada como complemento na pesquisa etnográfica e foi um instrumento importante em nossa investigação.

✓ **Fase final: redigir, interpretar e analisar os dados**

A redação se efetivou mediante a transcrição dos dados levantados, em consonância com a interpretação e a análise que se deu na sequência.

1.3.1.3. Entrevistas e Questionários

A pesquisa se realizou por meio de observações, entrevistas e aplicação de questionário na comunidade do assentamento Pontal do Marape, município de Nova Mutum MT. A coleta de dados se efetivou de casa em casa, alcançando 20 pessoas com idade entre 28 e 76 anos. O roteiro de entrevistas incluiu a aplicação de um questionário com 13 perguntas¹, o que permitiu, também, a elaboração um quadro representando e descrevendo a utilização das plantas medicinais, suas nomenclaturas popular e científica, forma de uso e indicação terapêutica.

A partir do questionário respondido pelos moradores entrevistados, foi possível obter informações importantes acerca dos conhecimentos próprios da cultura camponesa. Esse procedimento facilitou o trabalho de pesquisa realizada, pois as informações permitiram a descrição e as análises em relação às características e uso das plantas medicinais que são utilizadas pela comunidade.

No caso da pesquisa do tipo etnográfica, a entrevista não se caracteriza por um esquema fixo, mas flexível, passível de transformações, onde o pesquisador se torna um interlocutor, nutrindo-se de uma relação dialógica com o interlocutor, incitando os pesquisados a discorrerem sobre o tema a partir de suas próprias informações e interesses. Este é o momento em que os participantes da pesquisa

¹ Anexo 1.

refletem acerca daquilo que foi observado pelo pesquisador, deixando que ele se aproxime de suas significações (ALMEIDA, 2011; ATAIDE, 2013).

Quanto ao questionário, este é um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador (SEVERINO, 2000).

1.4. O CONTEXTO DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA



Fig. (1). Mapa do Brasil destacando o estado do Mato Grosso.

Fonte: <https://www.google.com.br/>. Acesso em: 09-Nov-2014

1.4.1. O Estado do Mato Grosso²

Na última década do século XX, os estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, formavam uma única unidade federativa. No entanto, o governo federal, em 1997, decretou a divisão do estado, pois havia uma grande dificuldade de promover

² Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Geografia_de_Mato_Grosso: Acesso 11.Nov.2014; e IBGE (2010).

o desenvolvimento econômico na região em virtude de sua grande extensão. Com a fragmentação do território se originaram dois novos estados: Mato Grosso, ao norte, Mato Grosso do Sul, ao sul.

No tocante ao estado de Mato Grosso, onde se encontra o Assentamento Pontal do Marape, está localizado no Centro-Oeste brasileiro, com uma extensão territorial de 903.329,700 quilômetros quadrados. De acordo com o censo do (IBGE), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a população mato-grossense, em 2010, totalizava 3.035.122 habitantes, possui 141 municípios, cuja capital estadual é cidade de Cuiabá, habitada por 551.098 pessoas.

Segundo IBGE (2010), o estado do Mato Grosso possui rios que são fundamentais para o desenvolvimento da região. Os principais rios são: Araguaia, Cuiabá, das Mortes, Jurema, Paraguai, São Lourenço, Teles Pires, Xingu. No que se refere ao clima, este se apresenta como tropical.

Com efeito, o crescimento da população de Mato Grosso, deve-se ao crescimento do agronegócio, que se destaca pelo cultivo de algodão, mas principalmente pelo plantio da soja e criação de gado. O estado se destaca também pelas manifestações culturais, quais sejam: Cururu, Siriri, Rasqueado Cuiabano, o Boi, a Serra, a Dança de São Gonçalo, a Dança dos Mascarados, o Chorado e Congo.



Fig. (2). Mapa do Mato Grosso informando onde se localiza A cidade de Nova Mutun

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Nova_Mutum. Acesso em: 09-Nov-2014.



Fig. (3). Vista panorâmica de Nova Mutun. Fonte:

<http://www.novamutum.mt.gov.br/>

Acesso em 09-Nov-2014

1.4.2. Histórico do Município de Nova Mutun³

O atual território do município de Nova Mutum foi formado a partir do desmembramento de terras do município de Diamantino. Nova Mutum é um município brasileiro do estado de Mato Grosso, possui um elevado nível de desenvolvimento humano, ocupando o 3º lugar nos índices do IDH – Índice de Desenvolvimento Humano (IBGE, 2010).

Sua população recenseada pelo IBGE em 2010 era de 31.649 mil habitantes, previsto para 2014 alcançar 38.206 mil habitantes. O município vem se destacando, dentre as 141 cidades de Mato Grosso, pelo ritmo acelerado da construção civil e loteamento. A principal parte da sua economia é a agricultura, com enfoque para produção de soja, milho e algodão, fazendo do município um dos maiores produtores de soja, não só do Estado de Mato Grosso, mas do Brasil. Além do agronegócio, outros grupos se destacam como: frigoríficos, indústrias, biodiesel e os frigoríficos de aves e suíno que produzem os produtos da marca Excelência, indústria de sucos de uva – Melina e o grupo Vanguarda Agro (IBGE, 2010).

O município se destaca também na formação acadêmica superior, pois conta com um campus da Universidade do Estado do Mato Grosso UNEMAT, oferecendo cursos de Engenharia Agrônômica, Administração e Ciências Contábeis. É. Pois, um município em grande crescimento, com a construção civil em ritmo acelerado, assim como o ramo de loteamentos. O crescimento na construção civil, no ano de 2006 para 2007, já ultrapassou mais de 150% de acréscimo nas atividades, segundo dados da Prefeitura Municipal⁴.

³Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Nova_Mutum. Acesso 11-Nov-2014; e IBGE (2010).

⁴Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Nova_Mutum. Acesso 11-Nov-2014; e IBGE (2010).

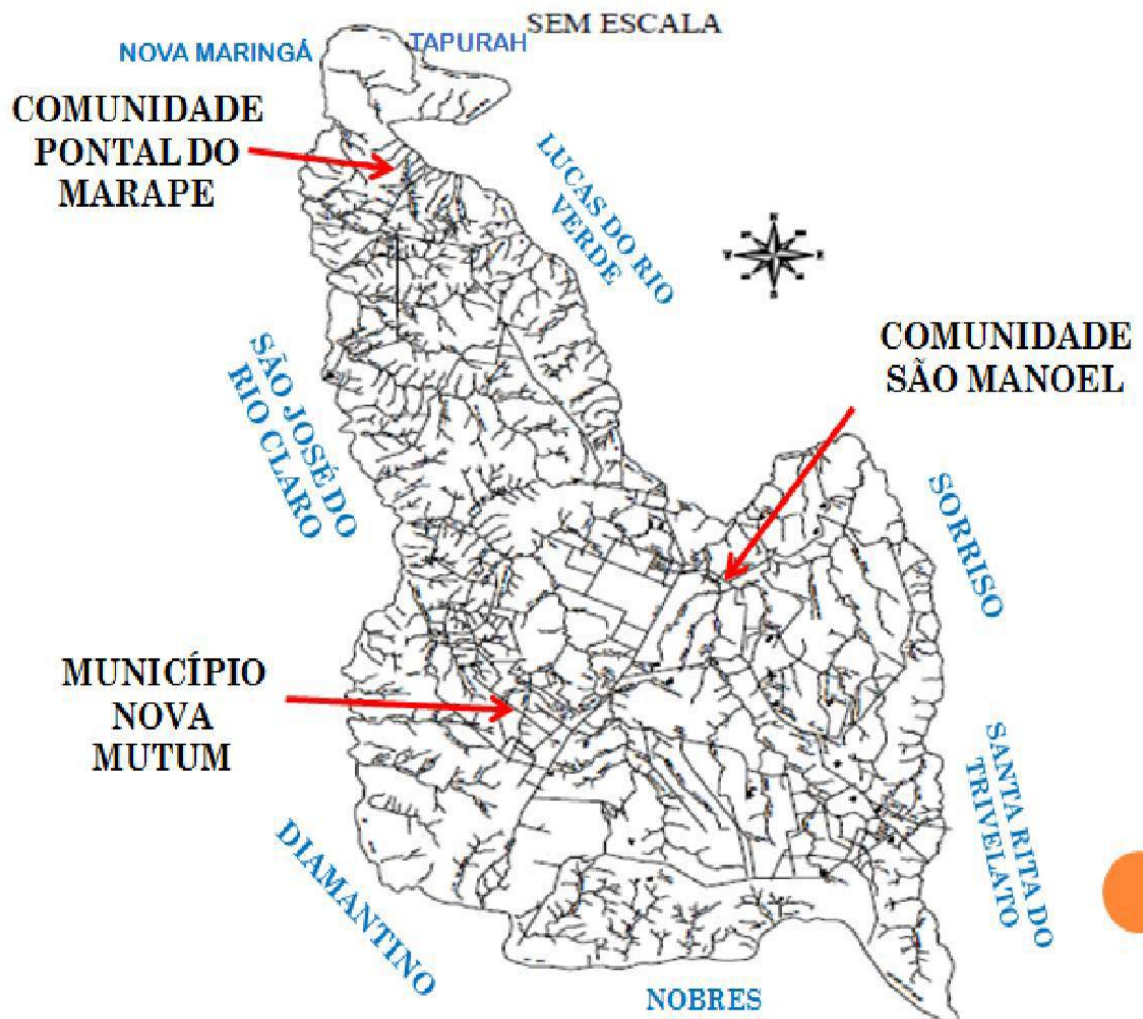


Fig. (4) Mapa do Estado do Mato Grosso indicando a localização do assentamento em relação ao município sede: Nova Mutum. Fonte: Acervo de Escola Municipal do Campo Jorge C. Ferreira (ALVARENGA, 2013, p. 28).



Fig. (5). Mapa do Assentamento Pontal do Marape. Fonte: Acervo de Escola Municipal do Campo Jorge C. Ferreira (ALVARENGA, 2013, p. 28).

1.5. INFRA ESTRUTURA DO ASSENTAMENTO PONTAL DO MARAPE⁵

A comunidade Pontal do Marape localiza-se 160km do município de Nova Mutum estado do Mato Grosso, região centro oeste do Brasil.

O assentamento Pontal do Marape teve sua origem no início de 1997, quando o INCRA destinou uma área de 14.000 hectares de terras com finalidades agrárias. Em agosto de 1999 foi eleita oficialmente a primeira associação de Agricultura Familiar dos assentados, com a denominação Pontal do Marape. Em outubro de 2000, foi iniciada a demarcação dos lotes e no mesmo ano foram entregues para as pessoas inscritas no INCRA. Foram entregues 350 lotes de 40 hectares em 2001, em seguida foi entregue aos moradores do assentamento um kit de materiais para

⁵Fonte: www.incra.gov.br/incra-mt. Acesso 10-Nov-2014.

construção de uma casa de alvenaria de 42m². O assentamento Pontal do Marape, que leva esse nome devido a dois rios que cruzam o assentamento, sendo estes Rios Marape e Arinos.



Foto (1). Moradores do assentamento em evento público. (acervo da autora).

Os assentados são de diversas regiões do país, principalmente da região sul, que levam em sua bagagem cultural, costumes de seus locais de origem, e sendo assim cada uma traz consigo suas tradições. Tal fato contribui para a diversificação cultural local, acumulando saberes e conhecimentos como preparo da terra, plantio, horticultura, apicultura, horta medicinal, manejo de gado de corte e leiteiro, avicultores, entre outros.

Na comunidade tem uma escola que foi formada no ano de 1998, sendo que as aulas se iniciaram no ano de 1999. As aulas eram ministradas em um barracão de madeira, que era alojamento da antiga fazenda e contava com 35 alunos em sala de regime multi-seriado, distribuídos em três ciclos de formação.

Porém no ano de 2002, foi inaugurada a nova sede da escola que leva o nome do fundador em 1998, o agricultor Jorge Carlos Ferreira. Com 790 metros quadrados de área construída, a escola tem seis salas de aula, uma biblioteca, parque e cozinha para atender 250 crianças e adolescentes nos níveis de

alfabetização e ensino fundamental. A construção foi feita em parceria entre o Governo do Estado do Mato Grosso e a Prefeitura de Nova Mutum, que entraram respectivamente, com 70% e 30% dos recursos.

A escola utiliza de cinco ônibus escolares, que circulam somente em horários e períodos de aula. Com o passar do tempo, e com aumento de alunos, foram feitas melhorias na estrutura escolar, incluindo uma sala para laboratório de informática, horta, e uma quadra poliesportiva coberta.

Na comunidade, além da escola, tem dois mercados, um posto de saúde com duas enfermeiras que moram no assentamento e um médico que vem da cidade de Nova Mutum uma vez na semana. Tem uma ambulância, um posto de combustível, lanchonetes, várias oficinas mecânicas, lojas de variedades, duas igrejas evangélicas, uma igreja católica. Nesta são realizadas missas duas vezes por mês com a presença do padre que se disponibiliza vir de Nova Mutum.

Tem também um barracão onde são feitas festas e bailes, e um campo de futebol onde são realizados torneios. Tem uma farmácia com um bioquímico formado, e um escritório onde fica a presidenta da associação geral Sr^a. Fabiane Gugielmin da Rosa, que atende aos moradores, na maioria agricultores que plantam soja, milho, etc. Os agricultores contam com uma balança e um silo para que auxilia no trabalho com os grãos,

Existem duas opções de acesso que ligam a comunidade Pontal do Marape ao município sede de Nova Mutum, onde alguns dos moradores utilizam-se de um transporte (ônibus), que circula três vezes na semana (segunda, quarta e sexta-feira saindo da sede as 5hrs e 40m para a cidade de São Jose do Rio Claro e Nova Mutum-MT, e retornando para comunidade as 15:00 horas. Deparamo-nos com alguma dificuldades neste percurso entre sede e cidade. Isso porque da sede à cidade de São Jose do Rio Claro percorre-se 55km por estradas de terra, em péssimo estudo. No período das chuvas esse acesso torna-se intransitável, causando muitos transtornos aos moradores. Já de São Jose do Rio Claro à Nova Mutum os 105km são de via pavimentada. É uma estrada asfaltada de boa qualidade.

1.6. ESCOLA JORGE CARLOS FERREIRA



Foto (2). Escola Jorge Carlos Ferreira. (Acervo da autora).

A escola Jorge Carlos Ferreira, está situada na agrovila do assentamento Pontal do Marape. Essa unidade escolar trabalhava com a Pedagogia da Alternância, visando a oferecer à comunidade uma escola no campo do campo que ao mesmo tempo, manter os jovens e adultos no campo e elevar o nível de desenvolvimento socioeconômico local.

E junto com essas novas metodologias surgiram alguns problemas. Dentre estes destacamos a infraestrutura que não oferecia as condições necessárias para que os alunos permanecessem na escola por longos períodos. Outro problema foi uma visível resistência em aceitar a nova metodologia, tanto por parte dos pais e responsáveis, como dos alunos que encontraram dificuldades em apreender tanto a metodologia quanto os objetivos da alternância. Tal situação gerou grandes conflitos e ocasionou diversas reuniões, na quais a comunidade escolar manifestava seu desejo de retornar à metodologia tradicional de ensino.

Em seus estudos, Caldart (2008) relata muito bem essa problemática, uma vez que, segundo ela, quando se fala sobre educação do campo, temos que

considerar que esta é uma ação que se manifesta a partir das lutas pelas transformações da realidade educacional, específica das áreas de predominância da reforma agrária.

Costa (2013, p. 29) cita o PPP da escola (2009, p 16), afirmando que esta tem como objetivo geral desenvolver no aluno seu senso crítico, sua criatividade, autoconfiança, solidariedade, responsabilidade, buscando continuamente seu crescimento pessoal, cultural, científico e social.

Com efeito, a Escola Municipal Jorge Carlos Ferreira trabalha em regime de Pedagogia da Alternância, organizando projetos que envolvem os alunos com o currículo escolar, partindo sempre de uma pesquisa de campo que relacione os conteúdos programáticos com os temas do Projeto. Dessa forma, são feitas visitas a produtores e depois são estudados os textos bibliográficos, socializando um encontro entre teoria e prática. Posteriormente são convidadas pessoas para realizarem palestras e os assuntos culminam sempre em um grande encontro, em que toda a comunidade é convidada a participar. O sistema de avaliações da escola é feita pelos trabalhos finais do assunto apresentado pelos diversos grupos de educandos (COSTA, 2013).

CAPITULO II: BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO E DA LEDOC (LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO) DA FUP/UnB – UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

A educação do campo foi pensada em consonância com a realidade dos povos do campo. É uma proposta que visa a contribuir para a formação acadêmica e profissional dos jovens e adultos que vivem na realidade da escola do/no campo.

Segundo Caldart (2012, p. 259), “A Educação do Campo nomeia um fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas”. Para a autora, o objetivo e os sujeitos que protagonizam a Educação do Campo remetem às questões do trabalho, da cultura, do conhecimento e das lutas sociais dos camponeses e ao embate (de classe) entre projetos de campo e entre lógicas de agricultura que têm implicações no projeto de país e de sociedade e nas concepções de política pública, de educação e de formação humana.

2.1. EDUCAÇÃO DO CAMPO: MARCOS TEÓRICO E CONCEITUAL

Resultado das lutas dos movimentos sociais no Brasil, a Educação do Campo, de acordo com Caldart (2012, p. 259), vincula-se à realidade específica que a produziu, e sendo assim “já pode configurar-se como uma categoria de análise da situação ou de práticas e políticas de educação dos trabalhadores do campo, mesmo as que se desenvolvem em outros lugares e com outras denominações”. E, como análise, a autora acredita que é também compreensão da realidade que está por vir, tanto a partir de possibilidades ainda não desenvolvidas historicamente, mas indicadas, como por seus sujeitos ou pelas transformações em curso em algumas práticas educativas concretas, e também na forma de construir políticas de educação que atendam aos anseios do homem do campo.

Não obstante, o conceito de Educação do Campo é novo. Tem menos de dez anos. Surgiu como denúncia e como mobilização organizada contra a situação atual do meio rural: situação de miséria crescente, de exclusão/expulsão das pessoas do campo; situação de desigualdades econômicas, sociais, que também são desigualdades educacionais, escolares. Seus sujeitos principais são as famílias

e comunidades de camponeses, pequenos agricultores, sem-terra, atingidos por barragens, ribeirinhos, quilombolas, pescadores, e muitos educadores e estudantes das escolas públicas e comunitárias do campo, articulados em torno de Movimentos Sociais e Sindicais, de universidades e de organizações não governamentais. Todos buscando alternativas para superar esta situação que desumaniza os povos do campo, mas também degrada a humanidade como um todo (PPP/LEDOC, 2009).

Segundo Williams (2003, p. 80) citado por Caldart (2012, p. 259), “sempre é difícil datar uma experiência datando um conceito, porém, quando aparece uma palavra – seja uma nova ou um novo sentido de uma palavra já existente –, alcança-se uma etapa específica, a mais próxima possível de uma consciência de mudança”.

Nesse sentido, Caldart (2012, p. 259-260) afirma que:

O surgimento da expressão “Educação do Campo” pode ser datado. Nasceu primeiro como *Educação Básica do Campo* no contexto de preparação da I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, realizada em Luziânia, Goiás, de 27 a 30 de julho 1998. Passou a ser chamada *Educação do Campo* a partir das discussões do Seminário Nacional realizado em Brasília de 26 a 29 de novembro 2002, decisão posteriormente reafirmada nos debates da II Conferência Nacional, realizada em julho de 2004. (aspas da autora).

A autora argumenta ainda, que foi no âmbito das discussões de preparação do documento base da I Conferência, concluído em maio de 1998 do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronea), debatido nos encontros estaduais que antecederam o evento nacional, que se materializaram os argumentos do batismo do que representaria um contraponto de forma e conteúdo ao que no Brasil se denomina Educação Rural.

Com efeito,

[...] Utilizar-se-á a expressão *campo*, e não a mais usual, *meio rural*, com o objetivo de incluir no processo da conferência uma reflexão sobre o sentido atual do *trabalho camponês* e das lutas sociais e culturais dos grupos que hoje tentam garantia

sobrevivência desse trabalho. Mas, quando se discutir a educação do campo, se estará tratando da educação que se volta ao conjunto dos trabalhadores e das trabalhadoras do campo, sejam os camponeses, incluindo os quilombolas, sejam as nações indígenas, sejam os diversos tipos de assalariados vinculados à vida e ao trabalho no meio rural. Embora com essa preocupação mais ampla, há uma preocupação especial com o resgate do conceito de *camponês*. Um conceito histórico e político (KOLLING, NERY E MOLINA, 1999, p. 26) *apud* (CALDART, 2012, p. 260).

Com efeito, a Educação do Campo atualmente, apesar dos visíveis avanços e estudos que se disseminam no Brasil, ainda é baseada no modelo de educação utilizado na zona urbana, utilizando os mesmos materiais como livros didáticos, que usam uma linguagem e fazem referência a objetos e situações que, muitas vezes não são acessíveis às pessoas que vivem no campo, principalmente àquelas que vivem em assentamentos e/ou em regiões mais pobres.

De acordo com Oliveira e Campos (2012), para se compreender o cenário da educação básica do campo em meio à luta política pelos direitos humanos nas áreas rurais do Brasil (sertões, interior, campo, rincões), é importante considerar que estamos diante de uma imensa diversidade sociocultural, e que estamos diante de elementos, eventos, processo e movimentos que contribuem para a constituição dessa realidade.

Nesse contexto de atuação, continua até hoje as lutas pelos direitos: direito à educação, a moradias, à saúde, ao lazer, à igualdade, dentre outros. Os movimentos sociais continuam com essas lutas, e seus militantes são incansáveis na busca de parcerias que sejam meios de luta para que os camponeses permaneçam no campo.

Conforme Cury (2008) *apud* Oliveira e Campos (2012), a importância do conceito de educação básica, embrionária na constituição de 1988, nutriu-se da legitimidade de vários movimentos sociais, tais como sindicatos, movimentos estudantis, ambientalistas, enfim, diversos segmentos que, organizados, lutam pela universalização da educação escolar.

Nesse sentido, a década de 1990 foi importante para consolidar outros movimentos pela universalização do direito à educação básica e às diversas modalidades de educação, (educação de jovens e adultos – EJA, educação especial, educação do campo) que reconfiguram os espaços públicos e privados no quadro das lutas populares, ampliando o campo de conquista de direitos.

Com efeito, a educação básica é um conceito avançado e inovador para o Brasil, na medida em que se institui em meio à efervescência de propostas reivindicadas pelos movimentos sociais, ao mesmo tempo em que se torna um bem público e amplia o campo dos direitos. Compreendida assim, a educação básica necessita de políticas de universalização para se tornar efetivamente um direito de todos, inclusive dos povos do campo (CURY, 2008) *apud*(OLIVEIRA; CAMPOS (2012).

2.1.1. Educação do Campo: Uma Política Pública

Para Molina (2012, p. 585), a política pública é o “Estado em Ação”, ou seja, é a “Ação do Estado” através de programas constitucionais que se refere aos direitos sociais, direitos à educação, direito ao lazer, direito ao trabalho, direito à moradia.

Não obstante,

[...] na história da educação do campo, o debate e a compreensão sobre o tema das políticas públicas torna-se relevante porque, desde o seu surgimento, a Educação do Campo se configura como demanda relativa a garantia do direito a educação para os trabalhadores rurais, a partir da I Conferencia Nacional de Educação Básica do Campo, em 1988, o tema das políticas públicas adquire ainda maior centralidade na história da educação do campo a partir da II Conferencia Nacional de Educação Básica do Campo, realizada em 2004, quando se consolida, como sua palavra de ordem, a expressão “Educação do Campo: direito nosso, dever do Estado” (MOLINA, 2012, p. 585). (aspas da autora).

Todavia, essa luta enfrenta o desafio de transformar a “educação no campo” para ser a “educação do campo”. É, pois, a luta de todos os camponeses via movimentos sociais, mas para isso acontecer não basta somente os esforços dos camponeses e de seus movimentos. Antes, as políticas públicas precisam olhar com mais atenção para o sujeito do campo, viabilizando sua permanência em suas pequenas propriedades. É muito mais do que apenas implantar a educação. É dar o suporte necessário de infraestrutura e formação de professores.

Enfim, deve haver uma mudança efetiva de todo corpo educacional, desde as pessoas que coordenam a escola até as merendeiras, porteiro, etc., para a educação do campo seja uma família.

Nesse sentido é pertinente trazer o que reza o decreto nº 7.352 de 04 de novembro de 2010, que dispõe sobre a política de educação do campo e o programa Nacional de Educação na Reforma Agrária PRONERA. Para os efeitos deste decreto, entende-se por populações do campo como: os agricultores familiares, os extrativistas, os pescadores, os artesãos, os ribeirinhas, os assentados e os acampados da Reforma Agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, os caiçaras, os povos da floresta, os caboclos e outros que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho do meio rural; e escolas do campo: aquela situada em área rural, ou aquela situada na área urbana, desde que atenda predominantemente à população do campo.

Essa escola, necessariamente, deve valorizar os saberes populares dos sujeitos do campo em seus aspectos sociais, culturais, ambientais, políticos, econômicos, independentemente de cor, raça ou status social (BRASIL/7.352/2010).

Discorrendo sobre a Educação do Campo enquanto política pública, Reck (2007) assinala que data de julho de 1997 a realização do 1º Encontro Nacional de Educadores de Reforma Agrária, o primeiro ENERA, momento em que surge a ideia de realizar a conferência nacional por uma Educação do Campo. Então, começa novamente, a partir dos movimentos sociais e entidades organizadas, a ideia de se levar para um debate Nacional e colocar na pauta do País a Educação do Campo.

Para o povo do campo foi uma vitória, pois a partir daí foi possível ter acesso a uma universidade pudesse se formar, algo impossível antes. E isso fez com que o estudante de campo pudesse ver o mundo de uma forma mais abrangente, podendo contribuir com uma escola para os seus assentamentos, ou até mesmo em outro local.

Conforme o CNE/CEB nº I, de 03 de abril de 2002, a educação do campo foi conceituada como sendo o exercício da cultura, das práticas sociais, que busca construir uma educação de qualidade resultante de políticas que valorize o povo que vive do e no campo. Respeitando sua sabedoria e reconhecendo-o como “guardião da terra,” vinculada a um projeto de nação. A educação do campo é fruto de muitas lutas e se apresenta mesmo como um importante reconhecimento da ação dos trabalhadores do campo por seus direitos. Uma educação que respeite as particularidades da vida camponesa, e que sirva de degrau na escala da ascensão social.

Enfatiza Molina (2012) que a construção desta proposta de escola do campo, com suas especificidades no que diz respeito à relação de produção de conhecimento e de inovações na organização do trabalho pedagógico, se faz acompanhar nas diretrizes pelas exigências de formação de educadores próprios para o exercício da função docente no campo.

2.2. LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO LEDOC FUP/UnB



Foto (3). UnB Planaltina. (Foto: Almeida, 2014).

O curso de Graduação de Licenciatura em Educação do Campo da FUP/UnB, aprovado pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão – CEPE - da Universidade de Brasília, e cuja primeira turma teve início em 2007, atende à demanda formulada pelo Ministério da Educação, por intermédio da Secretaria de Educação Superior e da Secretaria de Educação Continuada Alfabetização e Diversidade, endereçada à Universidade de Brasília mediante carta-convite em novembro de 2006. Tem como objeto a escola de Educação Básica do Campo, com ênfase na construção da organização escolar e do trabalho pedagógico para os anos finais do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio (PORTAL DA FUP:<http://www.fup.unb.br/>. Acesso em 09-Nov-2014).

O Curso pretende formar e habilitar profissionais na educação fundamental e média que ainda não possuam a titulação mínima exigida pela legislação educacional em vigor, quer estejam em exercício das funções docentes, ou atuando em outras atividades educativas não escolares junto às populações do campo. O curso tem a intenção de preparar educadores para uma atuação profissional que vai além da docência, dando conta da gestão dos processos educativos que acontecem na escola e no seu entorno. O Curso tem como objetivo de formar educadores das regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul, para atuar na Educação Básica em escolas do campo, pretende, simultaneamente, contribuir para a construção coletiva de um projeto de formação de educadores que sirva como referência para políticas públicas de Educação do Campo (IBIDEM).



Foto (4). FUP/UnB Planaltina – prédio das salas de aula da LEdoC. (Foto: Almeida, 2014).

O Curso foi implementado mediante parceria com o Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária - ITERRA, instituição de ensino sediada no Rio Grande do Sul, com larga experiência em formação de educadores do campo, atendendo à intenção do Ministério da Educação de estimular a parceria das IES com entidades educacionais que atuam junto às populações do campo (PORTAL DA FUP:<http://www.fup.unb.br/>. Acesso em 09-Nov-2014).

Em agosto de 2007 realizou-se o primeiro vestibular, promovido pelo CESPE/UnB, para a Licenciatura em Educação do Campo, aprovando 130 candidatos, dos quais 60 foram convocados para compor a primeira turma, cuja 1ª Etapa/Semestre teve início em 24 de setembro. Em julho de 2008 foi realizado o vestibular para a segunda turma, com 55 alunos aprovados, cujas aulas terão início em outubro de 2008. Esta segunda turma está composta por alunos do Centro-Oeste e contará com a parceria de universidades federais e estaduais desta região, além da Escola Técnica Federal de Brasília – unidade de Planaltina (IBIDEM).

A LEdoC tem possibilitado ao estudante camponês o acesso a uma formação em nível ensino superior, com o direito de troca de conhecimento, mediante um

trabalho coletivo e uma convivência com os outros camponeses que também estão em processo de formação acadêmica. Considerando, ademais, que o campo é um espaço de muitas diversidades de conhecimentos que precisam ser compartilhados com outros, que se tornarão agentes de suas próprias histórias.

Nesse sentido a Licenciatura em Educação do Campo condiciona os futuros(as) educadores para construção dos saberes coletivo, onde valoriza a comunidade como sujeito que ali residem. Nesta nova proposta de educação do campo, que integra educação do campo no ensino acadêmico, mostra as contradições já existentes no campo e cidade, e permite-nos o ensino de forma dialética de como pensar a realidade e também entender as questões onde envolvem a luta pela terra e o acesso à educação, a saúde, alimentação, moradia que queremos, pois elas não estão isoladas umas das outras (CALDART, 2000). Acreditamos, ademais, que campo e cidade não devem ser sociedades isoladas, mas devem andar juntas para garantir os direitos sociais com igualdade para todos sem haver diferenciação.

Segundo Caldart (2000), há dois ingredientes específicos que se combinam na intencionalidade pedagógica que se pode depreender da atuação do movimento em relação à história: o cultivo de sua memória e o conhecimento da história mais amplo, que significa situar a sua experiência em uma história maior.

É nesse sentido que vejo a LEdoC proporcionar curso de formação para o povo do campo. Ela veio contrapor o modelo de educação que temos, e nos mostra o descaso das políticas públicas destinadas para o campo. Educação essa que exclui os trabalhadores rurais dos projetos sociais, principalmente no que diz respeito à produção do conhecimento e que não considera os saberes da vida camponesa.

2.2.1. Projeto Político Pedagógico da LEdoC: uma síntese

O PPP da LEdoC (2009), da Universidade de Brasília UnB, campus de Planaltina, está ancorado numa proposta de implementação de um Curso de Graduação - Licenciatura em Educação do Campo que possa atender à demanda formulada pelo Ministério da Educação, por meio do Edital nº 9, de 23 de abril de 2009. Todavia, a UnB desde 2007 oferece uma Licenciatura em Educação do

Campo, aprovada pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão com a 1ª turma iniciada em 2007 e a 2ª turma iniciada em 2008.

O Curso da LEdoC UnB/FUP, tem como objeto promover a construção de uma escola de Educação Básica do Campo, com ênfase na constituição da organização escolar e do trabalho pedagógico para os anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Pretende, pois, formar e habilitar profissionais na educação fundamental e média que ainda não possuam a titulação mínima exigida pela legislação educacional em vigor, quer estejam em exercício das funções docentes, ou atuando em outras atividades educativas não escolares junto às populações do campo (PPP/LEdoC, 2009).

A matriz curricular desenvolve uma estratégia multidisciplinar de trabalho docente, organizando os componentes curriculares em quatro áreas do conhecimento: Linguagens (expressão oral e escrita em Língua Portuguesa, Artes, Literatura); Ciências Humanas e Sociais; Ciências da Natureza e Matemática; Ciências Agrárias. A presente proposta oferecerá aos estudantes a opção de escolha em duas destas áreas: Ciências da Natureza e Matemática; Linguagens. Cada estudante poderá optar pela habilitação em uma delas, na qual será certificado (PPP/LEdoC, 2009).

Não obstante, a organização curricular, nos moldes da pedagogia da alternância, prevê etapas presenciais (equivalentes a semestres de cursos regulares) em regime de alternância entre Tempo/Espaço Escola-Curso e Tempo/Espaço Comunidade-Escola do Campo, tendo em vista a articulação intrínseca entre educação e a realidade específica das populações do campo, bem como a necessidade de facilitar o acesso e a permanência no curso dos professores em exercício, ou seja, evitar que o ingresso de jovens e adultos na educação superior reforce a alternativa de deixar de viver no campo (PPP/LEdoC, 2009).

A carga horária total prevista é de 3525 horas/aula e 235 créditos, integralizadas em oito etapas (semestres) presenciais de curso.

Ao organizar metodologicamente o currículo por alternância entre Tempo/Espaço Escola-Curso e Tempo/Espaço Comunidade-Escola do Campo, a proposta curricular do Curso integra a atuação dos sujeitos educandos na construção do conhecimento necessário à sua formação de educadores, não apenas nos espaços formativos escolares, como também nos tempos de vida culturais e

psíquicos das comunidades onde se encontram as escolas do campo (PPP/LEdoC, 2009).

Estes fundamentos teórico-conceituais são de extrema relevância, na medida em que a Educação do Campo traz como especificidade a permanente associação com as questões sobre o papel do campo no desenvolvimento e no território no qual se enraízam as práticas político pedagógicas, e uma reflexão crítica sobre a construção de um Projeto de Nação. Ou seja, um “campo de possibilidades que dinamizam a ligação dos seres humanos com a própria produção das condições da existência social e com as realizações da sociedade humana”. (CNE/CEB, PARECER 36/2001) *apud* (PPP/LEdoC, 2009).

Dessa forma, a LEdoC pretende que o formando em Educação do Campo venha a se constituir como um ser humano mais preparado para enfrentar as injunções e conjunturas da transição de paradigmas, tanto no contexto escolar, quanto nos conflitos e tensões da vida social.

2.2.1.1. Objetivos do Curso

Formar professores e educadores para atuação específica junto às populações que trabalham e vivem no e do campo, no âmbito das diferentes etapas e modalidades da Educação Básica, e da diversidade de ações pedagógicas necessárias para concretizá-la como direito humano e como ferramenta de desenvolvimento social. Desenvolver estratégias de formação para a docência multidisciplinar em uma organização curricular por áreas do conhecimento nas escolas do campo. Contribuir na construção de alternativas de organização do trabalho escolar e pedagógico que permitam a expansão da educação básica no e do campo, com a rapidez e a qualidade exigida pela dinâmica social em que seus sujeitos se inserem e pela histórica desigualdade que sofrem (PPP/LEdoC, 2009).

2.2.1.2. Pedagogia da Alternância

A Pedagogia da Alternância é um princípio teórico e metodológico que rege as ações do curso de Educação do Campo da LEdoC. Segundo Silva (2003) a alternância se inicia na França, em 1935, com a criação da primeira *Maison Familiale Rurale*, por meio da organização de um grupo de agricultores preocupados

com a formação de seus filhos e com o desenvolvimento da região em que viviam. A autora relata detalhadamente todo o processo e o contexto histórico, no entanto caberá aqui apenas relatar o conceito de Pedagogia da Alternância.

A Pedagogia da Alternância é uma alternativa metodológica de formação profissional para os filhos de agricultores de nível técnico onde o aluno possa estudar em regime de internato ou semi-internato e outros períodos em casa.

A introdução da Pedagogia da Alternância no Brasil remonta ao final da década de 1960. Os atores locais conhecem o Programa de Alternância sob o modelo italiano e, assim, fundam as Escolas Famílias Agrícolas (EFAs), por meio da União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil (Unefab) e das Casas Familiares Rurais (CFRs), duas experiências educativas em alternância que marcam o Movimento Maisons Familiares Rurales no Brasil. O ponto de partida em alternância é a experiência das EFAs, em 1969, no Estado do Espírito Santo, tendo, em 2004, sete centros educativos, denominados no Encontro de Foz do Iguaçu, em 2001, de Centros Familiares de Formação por Alternância (Ceffas), em que a maioria assumiu este termo (QUEIROZ, 2004) *apud* (CORDEIRO, REIS; HAGE, 2011, p.119).

A Pedagogia da Alternância é uma alternativa para os alunos do campo, devido às necessidades específicas desse segmento social. As escolas que adotam o regime de alternância no meio rural trabalham com uma proposta específica para o campo, onde a escola enfatiza aspectos como: a falta de recursos para atividades básicas do campo, superação da escola divorciada da realidade local dos alunos, da necessidade dos alunos ficarem na propriedade com sua família, dentre outras dificuldades.

Segundo Arroyo, Caldart e Molina (2004) *apud* Ribeiro (2008), a educação do campo No Brasil, historicamente tratada como educação rural, tem um significado que incorpora os espaços da floresta, da pecuária, das minas e da agricultura, mas que, não obstante, os ultrapassa ao acolher em si os espaços pesqueiros, caiçaras, ribeirinhos e extrativistas. O campo, nesse sentido, mais do que um perímetro não urbano, é um campo de possibilidades que dinamizam a ligação dos seres humanos com a própria produção das condições da existência social e com as realizações da sociedade humana.

2.2.2.3. A Pedagogia da Alternância na LEdoC/FUP

O Curso em educação do Campo da Faculdade da UnB de Planaltina, tem como sustentação teórica e metodologia a Pedagogia da Alternância, alternando dois meses na universidade e dois meses no campo.

a) Alojamento



Foto (5). Fachada externa do prédio do alojamento da LEdoC . (acervo da autora).

O campus conta com um alojamento para apoio aos estudantes no período do tempo escola TE. Como são duas turmas por bimestre – o outro bimestre é dedicado ao tempo comunidade TE – e o alojamento não dispõe de vaga para as duas turmas, alguns estudantes são instalados em um hotel próximo à FUP, contando com apoio de um transporte para locomoção até a instituição, todo custeado pela UnB.



Foto (6). Área interna do prédio do alojamento da LEdoC. (acervo da autora).

O alojamento faz parte da Política de Educação do Campo instituída pelo decreto 7.352 de 2010. A medida criou o regime de alternância no calendário das Licenciaturas em Educação do Campo (LEdoC). Nesses cursos, os alunos cumprem o calendário letivo em períodos alternados em suas comunidades no campo e em alojamentos. Antes, os estudantes ficavam em imóveis alugados pela UnB em Planaltina. "Essa ação mostra às universidades que é possível obedecer ao decreto e implantar essa política", disse a professora Mônica Castagna Molina⁶.

b) Ciranda

⁶Fonte: <http://www.unb.br/noticias/unbagencia/unbagencia.php?id=5797>. Acesso: 21-Nov-2014.



Foto (7). Sala onde funciona a Ciranda da LEdoC. (acervo da autora).



Foto (8). Sala onde funciona a Ciranda da LEdoC. (acervo da autora).

A LEdoC da FUP/UnB e sua Pedagogia da Alternância têm uma preocupação com as crianças, filhos e filhas dos estudantes ingressos e, sendo assim, disponibiliza, numa sala do alojamento, um espaço educativo, uma “Ciranda”,

pedagogicamente equipado e com o apoio de estagiários(as) que se revezam no cuidado das crianças.

Segundo Rossetto e Silva (2012, p. 127):

Ciranda Infantil é um espaço educativo da infância Sem Terra, organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e mantidos por cooperativas, centros de formação e pelo próprio MST, em seus assentamentos e acampamentos. O nome foi escolhido pelo fato de ciranda remeter à cultura popular e estar presente nas danças, brincadeiras e cantigas de roda vivenciadas pelas crianças no coletivo infantil.

Todavia, as autoras ressaltam que:

A educação do campo está em Consonância com as lutas de educação do campo...

[...] Inicialmente, a Ciranda Infantil estava dirigida apenas a crianças de 0 a 6 anos. Com o passar do tempo e com o desenvolvimento do trabalho das cooperativas e das ações do movimento, colocou-se um novo desafio para aqueles que vinham desenvolvendo o trabalho inserção de todas as crianças do assentamento, independentemente de sua idade ou do fato de seus pais serem ou não sócios das cooperativas – até então, a Ciranda Infantil atendia apenas filhos dos sócios das cooperativas. Por isso, atualmente, a idade das crianças que frequentam a Ciranda Infantil alcança crianças com até 12 anos de idade, ampliando-se o número de meninos e meninas que participam desse processo pedagógico no qual as crianças Sem Terra emergem como sujeitos que constroem a sua participação histórica na luta pela terra, sujeitos que, na condição de “crianças Sem Terrinha”, desenvolvem e assumem o sentido de pertença a essa luta (ROSSETTO E SILVA, 2012, p. 127).

Contudo, atualmente, na Ciranda da LEdoC, atualmente, só recebe crianças com até seis anos de idade.

É, pois, nesse contexto, que juntos podemos mudar a nossa história de vida com o curso da LEdoC. Ademais, sendo uma referência nacional no modelo de

curso de Educação do Campo, a LEdoC está conseguindo reduzir as desigualdades existentes no âmbito educacional e intelectual dos estudantes e educadores do campo. Espaço, esse, onde são considerados os direitos necessários à realização e dignidade do ser humano, por meio da educação, nas descobertas de novas relações sociais, econômicas e culturais.

CAPITULO III: RESULTADO E DISCUSSÃO – OS CONHECIMENTOS ETNOBOTÂNICOS E FITOTERÁPICOS DA COMUNIDADE DO ASSENTAMENTO PONTAL DO MARAPE

O uso das plantas como alternativa no tratamento de doenças é uma prática que se incorporou à vida das pessoas ao longo da evolução humana. É uma ação cheia de significados culturais, uma vez que cada povo tem seus conhecimentos próprios e suas formas de uso. Sendo assim, os conhecimentos oriundos da sabedoria popular assumem relevância.

3.1. ETNOBOTÂNICA E FITOTERAPIA: O ESTUDO DAS PLANTAS MEDICINAIS

A etnobotânica e a fitoterapia incorporam conhecimentos que as pessoas acumularam ao longo dos anos sentido, as comunidades tradicionais, em função da influência que recebem do meio natural, apresentam modos de vida e culturas diferenciadas, mas sempre com alguns aspectos em comum. Seus hábitos estão diretamente submetidos aos ciclos naturais, e a forma como apreendem a realidade e a natureza é baseada não só em experiência e racionalidade, mas em valores, símbolos, crenças e mitos (MONTELES E PINHEIRO, 2007).

Os autores citam Diegues (1996), argumentando que a relação simbiótica⁷ entre homem e natureza, presente tanto nas atividades produtivas, quanto nas representações simbólicas do ambiente em que interagem permitindo que tais sociedades acumulem amplo conhecimento sobre os recursos naturais ocorrentes em seus territórios.

3.1.1. Etnobotânica⁸

O termo “etnobotânica” foi utilizado pela primeira vez em 1896, pelo botânico americano William Harshberger para designar o estudo da relação entre os humanos

⁷**Simbiose** é uma relação mutuamente vantajosa entre dois ou mais organismos vivos de espécies diferentes. Há alguma indefinição nos conceitos associados a este termo. Assim, dever-se-á ter presente que a simbiose implica uma inter-relação de tal forma íntima entre os organismos envolvidos que se torna obrigatória. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Simbiose>. Acesso em: 17-Nove-2014.

⁸Fonte: <http://www.cee.unifesp.br/etnofarmacologia.htm>. Acesso em 11-Nov-2014.

e as plantas utilizadas por eles. Balick & Cox (1999), a definem como sendo o campo de estudo que analisa o resultado da manipulação de plantas, ou partes dos vegetais, por culturas tradicionais, assim como o contexto cultural em que cada planta é utilizada. Para Heinrich et al. (2004) a etnobotânica é uma ciência que estuda a relação entre humanos e plantas em toda sua complexidade, e é baseada geralmente na observação detalhada e estudo do uso que uma sociedade faz das plantas, incluindo as crenças e práticas culturais associadas com este uso.

3.1.1.1. Aplicações⁹

Os estudos etnobotânicos podem ter várias aplicações, entre elas:

- Valorização da diversidade cultural e vegetal;
- Resgate, valorização e entendimento sobre as dinâmicas do conhecimento tradicional a respeito da utilização da flora;
- Conservação da flora;
- Desenvolvimento científico e tecnológico baseado na diversidade e potencialidade vegetal;

3.1.1.2. Importância¹⁰

A etnobotânica possibilita a compreensão da estrutura lógica da relação entre homens e a flora que o cerca. Por estudar a concepção humana sobre as plantas e suas relações, é uma importante forma de conservação da integridade e conhecimento das comunidades tradicionais. O Brasil é considerado um dos sete países com os maiores índices de biodiversidade, sendo o primeiro do ranking quanto ao número de plantas superiores, além de ser um país com diversas etnias indígenas e culturas que englobam: populações de quilombolas, afro-brasileiros, caiçaras, ribeirinhos, jangadeiros, dentre outras.

3.1.2. Fitoterapia

⁹Fonte: <http://www.cee.unifesp.br/etnofarmacologia.htm>. Acesso em 11-Nov-2014.

¹⁰Fonte: <http://www.cee.unifesp.br/etnofarmacologia.htm>. Acesso em 11-Nov-2014.

Segundo Alves e Silva (2003), a fitoterapia consiste no uso interno ou externo de vegetais “*in natura*” ou sob a forma de medicamentos no tratamento de doenças. É, pois, uma atividade que precisa se efetivar mediante ações programadas. Em seus estudos, Tomazzont, Negrelle e Centa (2006) afirmam que:

Um programa adequado de fitoterapia deve incorporar um conjunto de atitudes, valores e crenças que constituem uma filosofia de vida e não meramente uma porção de remédios. Portanto a implantação de determinadas políticas de saúde depende de um conjunto de informações essenciais, que possam subsidiar a construção da situação da saúde local e a orientação do modelo de atenção. Dentre estas informações, é importante conhecer como as pessoas vivem, seus valores, suas crenças, seus costumes enfim fatores que possam estar interferindo no processo saúde-doença dessa população, constituindo-se numa estratégia importante para a melhoria da saúde e de vida da população (TOMAZZONT, NEGRELLE E CENTA, 2006, p. 116).

Dessa forma, a fitoterapia se incorpora a cada cultura, e se configura como uma atividade repleta de significados. Todavia, sua utilização depende de um conjunto de informações, modos adequados de uso e alguns cuidados, uma vez que, como qualquer medicamento, os remédios fitoterápicos precisam ser monitorados para ter eficácia.

Conforme Rezende e Cocco (2002):

A utilização da fitoterapia que significa o tratamento pelas plantas vem desde épocas remotas. A referência mais antiga que se tem conhecimento do uso das plantas data de mais de sessenta mil anos. As primeiras descobertas foram feitas por estudos arqueológicos em ruínas do Irã. Também na China, em 3.000 a. C., já existiam farmacopeias que compilavam as ervas e as suas indicações terapêuticas. A utilização das plantas medicinais faz parte da história da humanidade, tendo grande importância tanto no que se refere aos aspectos medicinais, como culturais (REZENDE e COCCO, 2002, p. 283).

Ainda de acordo com essas autoras, isso ocorre ainda nos dias atuais, de modo que a utilização de plantas medicinais faz parte da história da humanidade mesmo antes da era cristã. Sua evolução prevalece ainda nos dias atuais, quando as pessoas vão aperfeiçoando os seus modos de plantio, e a sua forma de colheita e uso. Há de se considerar também as crenças e a cultura local, uma vez que cada povo, notadamente os camponeses, tem formas diversificadas de utilização das plantas medicinais.

3.1.3. Conceitos de Plantas Medicinais

Conforme Amorozo (2002), em geral as comunidades tradicionais possuem conhecimento básico do uso de plantas medicinais, e estas informações são trocadas entre indivíduos num processo dinâmico de aquisição e perda. Porém, ao estar fazendo o resgate do conhecimento das plantas medicinais e suas técnicas terapêuticas, se faz presente nosso modo de registrar, valorizar, contribuir e gerar informações sobre a saúde, tendo como lócus a comunidade do Pontal do Marape.

Conforme Balick & Cox (1997), citados por Giraldo e Hanazaki (2010):

[...] Desde os primórdios da existência humana, os homens buscam na natureza recursos para melhorar suas próprias condições de vida, aumentando suas chances de sobrevivência. Tal interação é fortemente evidenciada na relação entre seres humanos e plantas, uma vez que os usos dos recursos vegetais são dos mais diversos e importantes, como é o caso da alimentação e das finalidades medicinais, bem como a construção de moradias e a confecção de vestimentas (BALICK & COX, 1997) *apud* (GIRALDI E HANAZAKI, 2010, p. 395).

Entretanto, ainda nos dias de hoje, assim como nos tempos passados, existe uma prática tradicional de manutenção das plantas medicinais, que tem uma forma simples de ser cultivada, modos de colheita e de uso, que facilitam o manuseio e a utilização dos remédios, favorecendo a saúde das pessoas.

Segundo Rodrigues e Guedes (2006):

A situação econômica e a busca de uma melhor qualidade de vida têm constituído alguns dos principais fatores associados à grande divulgação do uso de plantas para a cura de doenças. Esse fato pode estar também associado ao uso indiscriminado que pode trazer riscos à saúde. Plantas cultivadas ou que surgem espontaneamente em locais onde foram ou são utilizados agrotóxicos, contaminação por microrganismo oriundo do solo ou da água, que podem receber lixo e esgoto, ao invés de curar, podem potencializar os sintomas ou serem responsáveis por novas doenças (RODRIGUES; GUEDES, 2006, p. 2).

Com efeito, os seres humanos que fazem o uso de plantas medicinais precisam de alguns procedimentos e cuidados, uma vez que as plantas atualmente são cultivadas com o uso ostensivo de produtos químicos que causa danos à saúde. Porém, os camponeses têm sua sabedoria e sua cultura, não utilizam agrotóxicos em suas plantações em casa. Também têm suas crenças, modos próprios de fazer a colheita, pois tudo tem a sua hora, não pode colher a planta quando está sol, somente depois que o sol se põe ou então antes do sol nascer.

3.2. RESULTADO E DISCUSSÃO: AS PLANTAS MEDICINAIS E SUAS FORMAS DE USO NA COMUNIDADE DO ASSENTAMENTO PONTAL DO MARAPE

Desde a pré-história os seres humanos fazem uso de remédios caseiros utilizando as plantas medicinais em forma de chás, compressas e xarope. Também não podemos se esquecer dos índios que ao longo dos anos ate os dias de hoje, fazem o uso das plantas medicinais passando de avós, mães e filhas. Onde eles têm um vasto conhecimento pratico a sua diversidade cultural. Com sua sabedoria tendo horário para a coleta das folhas e raiz ou casca, tendo um cuidado de como armazenar para o consumo (SPETHMANN, 1967).

Ainda de acordo com esse autor, desde tempos remotos o homem utiliza frutas, legumes, ervas, água e argila para curar seus males. Mesmo na época atual, em que a tecnologia médica mostra-se capaz de realizações espetaculares, muitas

peças continuam adeptas da medicina natural por divisarem nela o meio ideal para recuperar a saúde e manter o equilíbrio orgânico.

Com efeito, as pessoas sentem orgulho em poder fazer uso da medicina alternativa, não deixando se perder os conhecimentos, os saberes e fazeres tradicionais. Elas cultivam em suas propriedades diversas plantas medicinais e também comestíveis, quando as utilizam nos alimentos. No assentamento Pontal do Marape, as vinte pessoas pesquisadas passam os seus conhecimentos e informações referentes ao uso das plantas medicinais de geração em geração. As práticas dos remédios caseiros de cura para as enfermidades são adquiridas pelos familiares ou amigos que trocam receitas. As pessoas que vivem no assentamento são de diversas regiões do país, e trazem consigo um vasto conhecimento repleto de valores e crenças.

3.2.1. As Plantas Medicinais conhecidas e utilizadas na Comunidade

Durante a aplicação do questionário com as (20) pessoas participantes da pesquisa, dos gêneros feminino e masculino, com faixa etária variando entre vinte e oito (28) e setenta e seis (76) anos de idade, assim distribuídos: Dezesesseis (16) pessoas com idade entre quarenta e oito (48) e setenta e seis (76) anos; e quatro (4) pessoas, com idade entre vinte e oito (28) e trinta e seis (36) anos. O Gráfico 1 mostra detalhes.

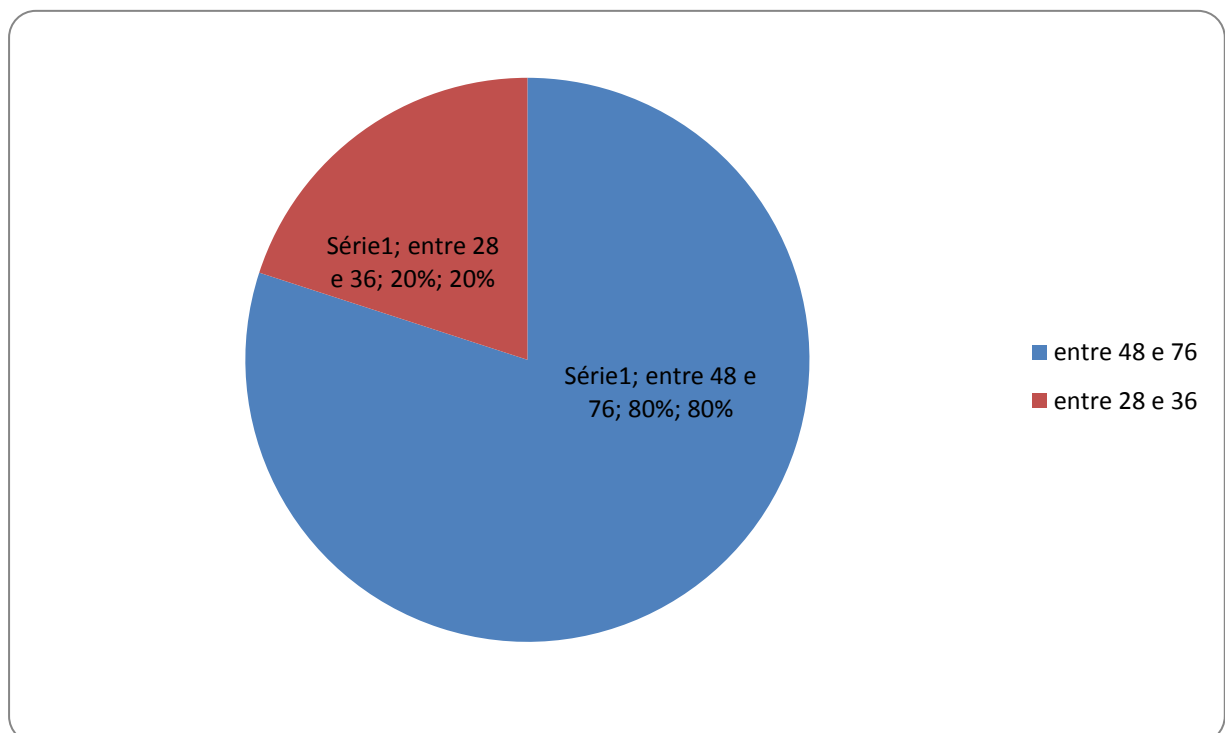


Gráfico (1): Participantes da pesquisa por faixa etária.

Como informa o gráfico 1, 20% das pessoas pesquisadas têm idade variando de vinte e oito (28) e trinta e seis (36) anos, enquanto 80% têm vinte e oito (28) e setenta e seis (76) anos de idade. A preferência por um número maior de pessoas com mais idade deve-se ao fato de estas, pela vivência dos anos a mais, terem mais experiência, o que favorece terem conhecimentos mais ampliados acerca das plantas medicinais.

Reiteramos que a pesquisa se efetivou mediante entrevistas com aplicação de questionário nas casas, e fazendo observação onde se encontram as plantas medicinais. Tal procedimento facilitou o levantamento etnobotânico, que encontra sustentação teórica na literatura estudada, que aborda conhecimento, formas de uso, doenças tratadas e a dosagem utilizada, considerando uma enorme diversidade de espécies de plantas medicinais que foram citadas pelas famílias. Ademais, algumas plantas fazem parte da vida familiar, quando se observa que elas estão em vários lugares do quintal e até dentro de casa, bem como na reserva legal. Algumas delas estão plantadas em latas, outras em canteiros, sendo a maioria cultivada com muito cuidado, numa relação bastante afetiva.

Em geral, 100% dos entrevistados afirmam que aprenderam a utilizar as plantas medicinais a partir da convivência familiar como avós, mãe e tia, sendo estes os principais transmissores dos conhecimentos. Observa-se que as mulheres têm maior participação na construção desse conhecimento, sempre utilizando a mãe como referência de aprendizado. Do ponto de vista cultural, a mulher sempre teve um papel importante nos cuidados da saúde da família, notadamente na vida camponesa.

Nesse sentido, passamos a descrever e discutir o questionário aplicado. Visando a manter a identidade dos entrevistados reservada, os nomeamos de E1, E2...E20 (entrevistado 1, entrevistado 2...entrevistado 20). As respostas estão em forma de excertos, de 1 a 12, correspondendo as 12 perguntas efetuadas. Como a primeira pergunta solicitava a identificação do entrevistado (o questionário consta de 13 perguntas), apresentamos as respostas somente de 12 perguntas, conforme excertos de 1 a 12.

Excerto1. O que você entende por “medicina popular?”

E1: São os medicamentos naturais e caseiros (ervas medicinais).

E2: Remédios caseiros naturais.

E3: O conhecimento que se tem e o uso de ervas medicinal em moléstias.

E4: Remédios caseiros.

E5: São remédios feitos de ervas, que os nosso antepassados faziam uso e passam para seus filhos.

E6: É quando usamos os remédios caseiros para medicar nossa família.

E7: Quando fazemos uso de remédio caseiro para nossa família.

E8: São remédios caseiros feitos pelas pessoas que fazem uso delas. Onde deveria dar mais valor o conhecimento popular.

E9: Tratamento com ervas.

E10: Medicina popular, são os remédios feito de ervas medicinais que os nosso antepassados cultivava nos quintal de suas residências.

E11: E a medicina de senso comum, que são passada de geração para geração.

E12: Remédios caseiros.

E13: Fazendo chás, xarope caseiro.

E14: É aquela medicina de senso comum, passada de geração para geração.

E15: A medicina popular são plantas nativas e cultivadas em casa.

E16: São remédios feitos em casa, plantado no quintal e até mesmo em vasos.

E17: Medicina praticada pela população, desde avós, mãe e tia com suas experiências com as plantas caseiras.

E18: Remédios caseiros que consumimos

E19: Medicina popular, como o nome sugere, é a medicina praticada pela população, passadas de geração para geração. Consiste em prática usadas pela população na prevenção de doenças, e de recuperação da saúde.

E20: Conhecimento das plantas medicinais e seu uso.

Excerto 2: Como você aprendeu a usar ervas medicinal? Caso tenha aprendido a utilizar com alguém, quem foi? ex: pais, avós, etc.?

E1. Aprendi a usar ervas medicinais com meus pais e com as pessoas mais antigas e fazendo curso sobre ervas medicinais.

E2. Com minha mãe, que aprendeu com sua mãe, que aprendeu com minha avó.

E3. Aprendi com minha mãe, avó, sogra e outras pessoas.

E4. Com minha avó, que vem de geração pra geração.

E5. Aprendi a usar e ter conhecimento por ver minha avó fazer uso e também minha mãe que me ensinou.

E6. Sabendo da eficácia do uso de ervas medicinais, aprendi usar com meus pais, e fazendo o curso SENAR.

E7. Com minha mãe, e fazendo curso sobre plantas medicinais aprendi sua importância.

E8. Aprendi a fazer uso das ervas medicinal com minha mãe e amigos que passam receitinhas de remédio que já fizemos e que o uso deu certo.

E9. Com minha mãe.

E10. Com meus pais e avós, pois sempre morei no interior.

E11. Com minha mãe, avó e algumas vizinhas na hora que precisei.

E12. Aprendi a usar com minha mãe. Tenho uma amiga com quem sempre trocamos receitas de como fazer e tomar os remédios caseiros. Às vezes pergunta para pessoas mais velha que já tem experiência.

E13. Quando criança dificilmente meus pais nos levavam no médico, sempre nos tratavam com remédios caseiros.

E14. Com as pessoas de convívio, avós, conhecidos, amigos etc.

E15. Com os pais de colega, vizinho e com os meus pais.

E16. Através de conhecimento passado pela minha avó e mãe.

E17. Com minha mãe e fazendo curso.

E18. Vendo a minha mãe fazendo para nós criança e nos éramos muito e sempre

moremos no sitio.

E19. Aprendi a utilizar principalmente ao frequentar a Pastoral da Criança na cidade de Nova Mutum, enquanto tinha meus filhos pequenos e adquiria xaropes para vermes, expectorantes e a multimistura para enriquecer a alimentação das crianças,

E20. Uma tia do meu esposo participou de capacitações através da Pastoral da Criança. Eu e ela sempre nos visitávamos e conversávamos e ela me mostrava cada planta cultivada em seu quintal. Ela é até hoje completamente apaixonada pelas plantas medicinais. Há alguns anos atrás participei de dois cursos do Senar: Usos e manipulação de plantas medicinais e outro/onde construímos uma horta medicinal no espaço escolar com a orientação de um Professor do Senar, “como cultivar plantas medicinais” e “horta medicinal.

Excerto 3: Qual e a importância de fazer uso de plantas medicinais?

E1. Além de ser remédio natural, pode-se economizar na compra de outros medicamentos. Por ser um remédio natural, por se saber usar não faz mal a saúde.

E2. A importância é que é mais natural, acessível, acredito que não devemos utilizar só medicamentos farmacêuticos.

E3. Buscar outros recursos e não só remédios comprados. A importância é que a medicina alternativa não são prejudiciais a saúde.

E4. A importância é, que se utilizar de maneira correta, não faz mal a saúde.

E5. Sabe-se que remédio temos que ter cuidado e conhecimento para usar. Só uso os chás mais conhecidos.

E6. Por ser um produto natural.

E7. Sabendo fazer uso de plantas medicinais ela não tem custo nenhum e a cura é certa quando a doença não é crônica.

E8. São melhor porque é natural.

E9. Uma, não tem efeitos colaterais, e químicas, e financeiramente.

E10. A importância é por ser natural e tenho em meu quintal.

E11. Eu acredito na cura e vejo um melhor resultado fazendo certo o uso.

E12. Dificilmente tem contra-indicação.

E13. O uso da planta como remédio, acredito eu que é tão antigo quanto a história do homem, algumas se comprovou geneticamente, outras ainda permanecem a nível de senso comum.

E14. É remédio que fazendo o tratamento direito é curado.

E15. A importância que é natural, e se tomar com cautela não prejudica o estômago, como alguns remédios químicos que às vezes causa até úlcera.

E16. Porque sabemos que são plantas que cultivamos em casa e que não fazem mal.

E17. Não tem efeito colateral e é prático na forma de fazer o uso.

E18: Não tem efeito colateral e é prática na forma de fazer uso

E19: A principal é evitar o uso de medicamentos químicos. Manter viva a prática cultural e principalmente prevenir doenças através do uso gratuito de plantas que estão do nosso alcance. Basta conhecê-los e saber como utilizar corretamente.

E20: É planta natural e que não vai fazer mal, claro se souber usar com cuidado.

Excerto 4: Você costuma fazer uso de ervas medicinal para curar alguma enfermidade? Como descobriu?

E1. Sim, seguindo o exemplo dos pais.

E2. Sim, através da minha mãe, avó e através de leituras.

E3. Sim. Com conhecimento popular, livros de medicina natural.

E4. Sim. Através de pessoas mais idosas, pois elas são mais adeptas dos chás.

E5. Sim, através de minha avó, mãe, tia, etc.

E6. Uso os mais conhecidos, morando na zona rural, e com os meus pais e fazendo

cursos.

E7. Sim, com minha mãe que aprendeu com minha avó.

E8. Sim, principalmente para bronquite e pneumonia, uma colega me passou a receita e faço uso até hoje (casca jatobá, eucalipto, limão, alho e mel).

E9. Sim. Através da minha mãe.

E10. Sim. Através de amigos, faço uso até hoje.

E11. Sim, os chás, xarope, dialogando com pessoas que fazem uso e a importância de cada uma planta.

E12. Sim, costumo fazer uso do alho para infecção, repolho macerado para puxar inflamação de machucado, tomate para hemorróida, entre outros. Descobri com minha mãe e amiga.

E13. Sim. O que não aprendi com minha mãe, descobri em conversas com amigas.

E14. Sim, os chás principalmente, conversando com as pessoas, pesquisando etc...

E15. Sim, eu uso direto a folha do hortelã.

E17. Sim, através da minha avó e mãe. Gosto muito de ler os livros medicinal natural.

E18. Sim, sempre que eu ou alguém de casa está com alguma dor ou algum mal estar, sempre faço uso vendo minha mãe fazer.

E19. Sim, através de minha mãe.

E20. Costumo usar as plantas para curar anemia e resfriados. E já usei banho de ducha com chá de casca de caju, casca de manga, casca de goiaba e pedra hume para curar uma ferida no colo do útero, já havia diagnóstico médico e encaminhamento para o procedimento de cauterização hospitalar. Apenas com a aplicação da ducha diária fiquei com o colo uterino limpinho. E não me submeti à cauterização.

Conforme os relatos descritos nos excertos, percebemos que essas pessoas fazem o uso das plantas medicinais como remédio caseiro, e que é eficaz, uma vez que já foi comprovado os resultados obtidos no decorrer do tratamento da enfermidade. Podemos observar também os valores de cada pessoa nas práticas que trazem de sua cultura, tendo também a consciência de que em algumas doenças crônicas, os remédios caseiros não podem substituir o tratamento alopático, de forma que os remédios caseiros se constituem como complemento, não podendo deixar de fazer o uso do remédio farmacêutico.

Segundo Giraldi e Hanazaki (2010), o emprego e uso de plantas medicinais para a manutenção e a recuperação da saúde tem ocorrido ao longo dos tempos desde as formas mais simples de tratamento local, até as formas mais sofisticadas de fabricação industrial de medicamentos. Ademais, os europeus que no Brasil chegaram logo se depararam com uma grande quantidade de plantas medicinais em uso pelos povos indígenas que aqui viviam, e receberam destes conhecimentos de suas propriedades e uso.

Excerto 5: Quais plantas medicinais nativas e cultivadas que são mais conhecidas e utilizadas para o tratamento de doenças no assentamento?

E1. Terramicina, tançagem, boldo, arruda, erva de santa maria etc.

E2. Cidreira, boldo, hortelã, erva santa maria, alho, limão, folha de laranjeira, folha de amora, a fruta do caju (folhas e casca), entre outras.

E3. Babosa, macela, camomila, hortelã, boldo.

E4. Manjerona, hortelã, maracujá, Marcelinha ou camomila, orégano, quebra pedra, poejo, picão, pata de vaca, salsa, roseira branca, romã, sene, tanchagem.

E5. Quarantã, cajueiro, babosa, pata de vaca, caninha do bejo, raiz de amora e varias outras.

E6. Uso, hortelã, poejo, limão, boldo, alho, cidreira, canela, cravo, melissa, guaco, tansagem, gengibre, algodão.

E7. Poejo, boldo, hortelã, guaco, tansagem, barbatimão, graviola, sene, alho, limão com mel, cidreira.

E8. Raiz e folha de salsinha- para infecção de bexiga, Erva santa maria com leite- para verme, Erve cidreira- calmante, Alho macerado- para qualquer infecção, folha de amora- reposição hormonal entre outros.

E9. Guaco, poejo, manjerona, terramicina.

E10. Noni, hortelã, Erva Santa Luzia, arnica, mastruz.

E11. Babosa, melissa, alho, tomate, alecrim, arnica, anis-estrelado, arruda, cabelo de milho, broto de goiabeira, eucalipto, hortelã, barbatimão.

Hortelã, erva cidreira, boldo, figatil, salsinha, alho, tomate, repolho, barbatimão, jatobá, e tem muito mais são muitos os remédios usados para cura de enfermidade.

E12. Bom eu aqui em casa uso, sumo de folha de algodão para doenças femininas, folha do guarantam para o colesterol, diabetes e mal estar do estomago, casca do cajueiro é um ótimo antiinflamatório e cicatrizantes para feridas.

E13. Hortelã, poejo, arruda, boldo, carueja, losna, quebra pedra, tansagem.

E14. Hortelã, puejo, abacaxi, alfavaca, e coco e mel.

E15. Camomila, macela, guaco, Santa Maria, hortelã, boldo, alho, maracujá, limão, broto de goiaba, cebola (para gripe em forma de xarope), quebra pedra.

E16. Boldo, picão, erva doce, alecrim, terramicina, óleo de copaíba, hortelã, entre outros.

E17. Carqueja, boldo, hortelã, alho, limão, poejo, alecrim, folha de goiaba, picão, folha de batata doce, folha da graviola, babosa, terramicina, erva doce, capim cidreira.

E18: Carqueja, boldo, hortelã, alho, limão, poejo, alecrim, folha de goiaba, picão, folha de batata doce, folha da graviola, babosa, terramicina, erva doce, capim cidreira.

E19: Capim cidreira, terramicina, boldo, picão, alfavaca, alecrim, casca de jatobá, óleo de copaíba, raiz de salsinha, caninha do brejo, camomila, erva doce e funcho

E20: Quebre pedra, picão, hortelã, poejo, guaco, erva cidreira de folha, erva doce, terramicina, camomila, caju, folha de abacate, folha de goiaba, boldo, babosa, arruda, entre outras.

Excerto 6: De que maneira é feito o cultivo, a colheita e a secagem das ervas?

E1: Deve ser cultivado antes do sol nascer e deixar secar na sombra.

E2: Manual e bem cedinho antes do sol nascer, e faço secagem na sombra e uso ela verde e também faço uso das cascas, guardo no lugar bem fresco e seco.

E3: Colhe quando precisa, não faz secagem.

E4: Bom, no meu caso, eu colho as folhas, espero secar para fazer o chá, no cultivo muitas delas são árvores nativas e os chás na horta.

E5: Manual, algumas colho as folhas, uso ela verde ou faço secagem na sombra.

E6: Nós plantamos pouco, usamos mais as folhas, não faço secagem das ervas.

E7: Costumo fazer manual, gosto de colher bem de manhã antes do sol sair ou bem de tarde, uso as folhas verde ou faço secagem na sombra porque dura mais.

E8: Na própria horta ou quintal da minha casa tenho esses remédios outras é nativa. A colheita deve ser feita antes do sol nascer ou depois que o sol entrar e a secagem é na sombra.

E9: Eu uso verde mesmo.

E10: Manual, outras in natura.

E11. Muitas são usada verdes, outras deixo secar na sombra, gosto de colher antes do sol sair.

E12. Antes do sol nascer ou depois que o sol se por e também não fazer colheita na época da floração e frutos no mês de julho a novembro.

E13. As ervas são colhidas verdes e secadas na sombra.

E14. Não domino o assunto.

E15. É retirado as folhas com a tesoura e deixa secar na sombra.

E16. Como tenho em casa, gosto de colher na hora do uso.

E17. Prefiro preparar o lugar (canteiro) em lugar bem apropriado onde não entra animal, prefiro colher de manhã ou bem de tardzinha, utilizo todas na hora que colho.

E18. Lugar fechado e gosto de usar esterco orgânico, e gosto de fazer a colheita bem cedinho ou tardzinha, faço uso quando colho ou deixo secar quando preciso.

E19: O plantio deve ser em local cercado e com adubação orgânica do solo. A colheita deve ser realizada de manhã e no final da tarde, após a colheita se realiza a limpeza, seleção e lavagem das plantas. A secagem deve ocorrer na sombra, em local bem ventilado e protegido de poeira e insetos.

E20: Prefiro preparar o canteiro ou os vasos com esterco orgânico faço muita garrafada tanto para mim como para os vizinhos.

Excerto 7: Quais ervas medicinais que costuma utilizar, e para que servem?

E1: Boldo bom para o fígado; tancagem bom para infecção.

E2: Boldo para o fígado; folha de amora para infecção na bexiga.

E3: Hortelã para dor de barriga, caninha do brejo- para rins e bexiga, guarantã- para controlar a diabetes e males do fígado.

E4: Marcelinha: calmante, favorece o sono; hortelã: digestivo; romã com gargarejo pra dor de garganta. Boldo para estômago, hortelã para vermes, alho-limão-mel como xarope para gripe, tosse.

E5: Faço uso da folha de amora para reposição hormonal, insulina caseira para auxiliar doença na diabete e a batata yacom para diabete.

E6: Guaco para gripe. Teramicina para feridas.

E7: Noni. Coloca no álcool para passar nas pernas,; folha Santa Luzia: amassar e pingar o líquido nos olhos.

E8: Babosa para queimadura, alho para infecção, folhas de eucalipto para inflamação

de garganta, entre outras plantas.

E9: Capim cidreira para calmante, folha de amora para reposição hormonal.

E10: Folha de maracujá é calmante, folha da goiabeira para diarreia, flor do mamão para tosse.

E11: Os chás, digestão, relaxamento, calmante, diurético etc...

E11: Hortelã: pra gripe e verme.

E12: Quebra pedra: para infecção e pedra no rins, hortelã: para o estômago e vermes.

E13. Hortelã: dor no estomago e verme e insônia; capim cidreira: calmante.

E14. Boldo, hortelã: para o estomago; terramicina: para febre e dor; erva doce: prisão de ventre e calmante.

E15: Barbatimão: infecção na bexiga; graviola: suco ou chá das folhas bom para emagrecer; cidreira: porque tenho muita insônia.

E16: Quebra pedra: para infecção e pedra no rins, hortelã: para o estomago e vermes.

E17: Hortelã: dor no estomago e verme e insônia, capim cidreira: calmante.

E18 Boldo, hortelã: para o estomago, terramicina: para febre e dor, erva doce: prisão de ventre e calmante.

E19: Chás: capim cidreira, melissa, erva doce, camomila são digestivos e favorecem o sono, uso como bebida após a refeição, (lanche ou janta). E para resfriados: poejo, hortelã, terramicina, alfavaca, etc. Boldo, figatil, e estomalina para resolver indisposições estomacais e do fígado.

E20: Costumes utilizar varias, e serve para: infecção de urina, febre, calmante, estomago.

**Excerto 8: Você acha que atualmente o uso dessas ervas medicinais diminuiu?
Por quê?**

E1: Sim, porque as gerações de hoje não têm o hábito de usar medicamentos caseiros.

E2: Um pouco, porque a maioria das pessoas quer comodidade.

E3: Sim, diminuiu, pois as pessoas relaxam e logo vão à farmácia.

E4: Sim porque remédios comprados às vezes fazem efeito mais rápido! Não que os chás não funcionam, mas é mais demorado o efeito.

E5: Um pouco, porque tem muita família que fazem pouco uso.

E6: Porque as pessoas gostam de comodidade e têm preguiça de fazer.

E7: Sim. As pessoas acham mais fácil comprar remédios.

E8: A maioria da população não tem o conhecimento dos seus benefícios e como cultivá-las.

E9: Pelas pessoas mais velhas não, mais para os jovens é bem mais fácil ir na farmácia e comprar, menos trabalho.

E10: Porque são pouco repassados os saberes e as pessoas vão esquecendo.

E11: Sim, é bem mais fácil ir na farmácia e comprar, menos trabalhoso.

E12: Com os laboratórios farmacêuticos o uso de remédios alopáticos houve uma certa diminuição no uso, mais atualmente se percebe uma forte tendência à homeopatia e fitoterapia.

E13: Sim, porque os jovens não acreditam nas ervas medicinais, e os pais não ensinam.

E14: A maioria não deixou de fazer o uso.

E15: Sim, eu aprendi com minha mãe que me repassou o que ela sabia, só que tem mãe que não ensina seus filhos.

E16: Sim, e não, porque muitas pessoas fazem uso de ervas medicinais, porém outros preferem as coisas mais fáceis.

E17: Sim, eu aprendi com minha mãe que me repassou o que ela sabia, só que tem mãe que não ensina seus filhos.

E18: Sim e não, porque muitas pessoas fazem uso de ervas medicinal, porem outros prefere as coisas mais fácil.

E19: Sim, porque o conhecimento não é repassado ou não interessa as novas gerações. E atualmente é mais fácil adquirir medicamentos nas farmácias e eles também são distribuídos pela rede publica de recuperação da saúde.

E20: Sim, porque os jovens não têm interesse e prefere comprar.

Excerto 9: Você acha que essa nova geração tem hábito de usar remédio caseiro para curar doenças da família?

E1: Muito pouco.

E2: Um pouco, não são todos que mentem o ensinamento passado pelas mães, avos, tias.

E3: A maioria não.

E4: Se os costumes vêm de geração pra geração sim, no meu caso sim, e vou passar para os minhas filhas.

E5: Muito pouco.

E6: Muito pouco.

E7: Nem todas, mais algumas sim.

E8: Eu ensino a minha filha e ela faz o uso do remédio caseiro. Mas está ficando esquecido para essa nova geração.

E9: Não.

E10: Não, por não conhecer.

E11: Alguns sim por manter a tradição e cultura que minha mãe me passou.

E12: Alguns sim outros não.

E13: Não.

E15: Às vezes.

E16: Não.

E17: Alguns sim.

E18: Muito pouco, porque é mais fácil ir na farmácia e comprar, mesmo que tenha o seu custo.

E19: Quando já traz de berço com o aprendizado de sua avó, mãe sempre vai fazer, vai manter sua cultura.

E20 Bem pouco, só aqueles que leva com sigo o aprendizado da mãe, avós e tia.

Excerto 10: Você agora se for necessário tomar medicamentos prefere recorrer à farmácia ou se medicar com remédio caseiro?

E1: Depende da situação. Tem enfermidades que só cura com remédios caseiro e outros com medicamentos da farmácia.

E2: Se vejo que é coisa simples prefiro um chá natural, agora se for algo que sei que não vou melhorar procuro o médico.

E3: Quando tenho a erva utilizo.

E4: Ah, depende do caso, se o remédio caseiro fizer efeito rápido. Nada impede de tomar remédio comprado e continuar fazendo tratamento com chás.

E5: Eu já faço uso de ervas medicinais, mas também procuramos o médico.

E6: Nós temos costume de tomar remédio caseiro, mas também procuramos o medico.

E7: Gosto de fazer uso de ervas naturais, mas quando preciso também procuro o

médico e faço uso de remédios químicos.

E8: E eu continuo fazendo uso do remédio caseiro, com certeza só recorro à farmácia se não houver outro jeito mesmo.

E9: Com remédio caseiro.

E10: Uso remédio químico, mas quando tenho o caseiro no meu quintal e sei que vai resolver o meu problema, sempre o uso.

E11: Se vejo que é uma coisa simples que o remédio caseiro vai resolver sim, porque tem alguma doença que só com remédio químico.

E12: Prefiro primeiro o remédio caseiro só se não houver jeito que vou à farmácia.

E13: Primeiro eu tento todos os remédios caseiros, só vou no médico em casos mais graves.

E14: Depende a gravidade da situação.

E15: Eu primeiro recorro ao remédio caseiro se não melhorar, aí sim eu vou à farmácia.

E16: Se preciso faço uso de remédios comprados.

E17: Eu como não gosto de tá tomando remédio de farmácia, só quando não tem jeito. Prefiro fazer uso de remédios caseiros que sei o que tomo.

E18: Faço uso dos remédios caseiros, porém tem alguma doença que necessita de remédios comprado (farmacêutico).

E19: Prefiro os remédios caseiros. Gostaria de utilizar com mais frequência. Acompanhados de uma boa caminhada.

E20 Uso muito remédio caseiro, porém quando é algo mais grave que vejo que não resolver vou ao médico.

Excerto 11: Após preparar um xarope ou qualquer outro remédio caseiro, existe prazo de validade?

E1: Existe prazo de validade e deve deixar em lugar adequado.

E2: Assim como os remédios químicos têm sua validade, os remédios naturais (caseiros) também.

E3: Sim, porque ele pode azedar, ou perder o efeito.

E4: Com certeza, por exemplo, o chá deve ser feito todo dia com poucas doses para ser consumido no mesmo dia.

E5: Sim, na maioria dos chás faz no dia e toma três vezes ao dia, se for xarope se conservar em geladeira de 15 a 30 dias.

E6: Sim, na maioria dos xaropes vale por 6 meses.

E7: Sim, tanto chás, xarope e até mesmo pomada tem seu prazo de validade sempre de 15 a 30 dias se guardando no lugar certo.

E8: Com certeza. O xarope deve conservar na geladeira até 3 meses e o chá deve fazer de manhã e consumir até a tarde, não deve tomar no dia seguinte.

E9: Acredito que sim.

E10: Sim, geralmente menos de 15 dias, conservado em geladeira.

E11: Sim qualquer remédio tem seu prazo de validade, seja ele caseiro ou químico.

E12: Sim, melhor consumir com quinze dias e os chás e no dia.

E13: Sim, pois eles não têm conservantes e podem azedar.

E14: Acredito que sim, como tudo, eu pelo menos faço e uso, não guardo.

E15: Sim.

E16: Sim, não é porque é natural que não temos que ter cuidado.

E17: Assim como qualquer produto tem sua validade, os remédios caseiros também,

temos que ter muito cuidado porque tudo vence.

E18: Costumo guarda em lugar bem arejado, geladeira e prefiro consumir entre dez ou quinze dias.

E19: Com certeza. Os chás e sumos de plantas medicinais devem ser consumidos logo após o preparo. Os xaropes possuem prazo de validade maior, devem ser envasados em recipientes de vidro (esterilizado) e podem ser mantidas sob refrigeração para garantir que não haja fermentação.

E20: Sim, entre 10 a 15 dias e se for chás prefiro consumir no dia.

Excerto 12: Você acha que as invenções e as descobertas científicas podem tomar o espaço da sabedoria popular?

E1. Pode se as pessoas deixar-se elevar por elas.

E2. Pode se as pessoas deixarem de fazer uso de plantas medicinais.

E3. Acredito que sim.

E4. Pode até ser que sim, pois a ciência hoje em dia esta muito avançado. Mas quem sabe que se eu tiver com uma dorzinha, sabendo que, por exemplo, um chá de boldo vai me aliviar uma azia, mal estar. Vou preparar um na hora. Acho que remédios caseiros nunca caíram fora, sempre tem um chazinho que você precisa.

E5. Devido à comodidade das pessoas, quando precisa é só ir na farmácia e comprar. Porém alguns mentem as suas tradições e culturas que trazem de família, por isso acho que não.

E6. Já está menos o uso de ervas medicinais, mas não vai tomar todo o espaço.

E7. E muito utilizado, mais as pessoas não deixam de fazer uso das plantas medicinais.

E8. Dos o mais velho não, mas para os jovens de hoje em dia sim com certeza.

E9. Não.

E10. Nunca, mas sempre vão andar lado a lado.

E11. Não digo tomar o espaço, mais com tantas experiências que vem fazendo para achar a cura de doença, são mais utilizado os remédios químico.

E12. Difícil, mas não impossível.

E13. Sim, é uma pena que até hoje não encontraram um remédio para combater o câncer.

E14. Não, eu acredito que qualquer descoberta científica, passa primeiro pelo nível do senso comum (sabedoria popular).

E15. Sim, ou não, porque as duas andam juntas.

E16. Não, porque os científicos também fazem pesquisas com muitas plantas, assim como a graviola que esta sendo pesquisada para o câncer entre outras.

E17 Não, porque sempre vai ter alguém repassando seus saberes e sempre mantendo sua cultura.

E18: A ciência esta cada dia mais avançada nas suas pesquisa para cura da doenças, mais sempre vou fazer uso de remédios caseiros e vou passar para os meus filhos, por isso não acho que a ciência faça com que as famílias deixa de fazer o uso de erva medicinal.

E19: Não, porque a sabedoria popular é rica e apresenta uma diversidade de saberes. O que os pesquisadores e cientistas fazem é se apropriar do conhecimento popular, dando nome científico a saberes populares. Extraído substancias naturais e buscando incessantemente obter lucro com a industrialização. E promovendo vendas com investimentos altíssimos em propagandas veiculadas pela mídia e ainda afirmam que são ecologicamente corretos.

E20: Não, porque os científicos também fazem suas experiências com plantas.

Como podemos constatar nos excertos, a comunidade do Pontal do Marape faz uso sistemático das plantas medicinais como alternativa no tratamento de doenças. Segundo Girdali e Hanazaki (2010), a percepção acerca do poder curativo de algumas plantas é uma das formas de relação entre populações humanas e plantas. Para as autoras, as práticas relacionadas ao uso tradicional de plantas medicinais são o que muitas comunidades têm como alternativa para a manutenção

da saúde e/ou o tratamento de doenças. No entanto, sua continuidade pode ser ameaçada pela interferência de fatores como maior exposição das comunidades à sociedade urbano-industrial e, conseqüentemente, às pressões econômicas e culturais externas; e maior facilidade de acesso aos serviços da medicina moderna (AMOROZO 2002) *apud* (GIRALDI; HANAZAKI, 2010).

Por outro lado, as autoras acreditam que a introdução da medicina moderna traz outra opção para as práticas de saúde locais já estabelecidas, e pode não eliminar o uso da medicina popular. E que, ao invés disso, em muitas instâncias, procedimentos da medicina moderna e da medicina popular são complementares.

3.2.2. Relação das Plantas Medicinais mais conhecidas e utilizadas pela comunidade do Pontal do Marape

Apresentamos, a seguir, um quadro com as plantas mais conhecidas e usadas na comunidade. Para melhor entendimento, destacamos o nome popular, científico, parte da planta utilizada, meio de preparo e indicação de uso.

NOME POPULAR	NOME CIÊNTEÍFICO	PARTE UTILIZADA	MODO DE PREPARO	INDICAÇÃO DE USO
Abacate	Perseagrátissima	Folhas maduras	Chá	Diurético; Pressão arterial
Abóbora	Cucurbita pepo l.	Folhas, flores e sementes	Chá	Bronquite; Inflamação geral;
Alecrim	Rosmarinuslatifolius	Folhas e flores	Chá/Óleo	Reumatismo; epilepsia
Algodão	Gosipiumhirsutum	Folhas, sementes e casca da raiz	Chá	Diurético; Tratamento ginecológico
Alho	Alliumsativum	Dente (bulbilho)	Chá; Molho em água	Expectorante; Pressão arterial
Arnica	Arnica montana L.	Flores, folhas	Emplastro	Reumatismo; Dores musculares

Arruda	Rutaagaveolens	Folhas e flores	Chá/Sumo	Sarna; afecção dos rins e dores de ouvido
Babosa	Aloe vera	Folhas	Suco	Prisão de ventre; Fígado; Estomago
Boldo	Vernoniacondensata	Folhas	Chá/sumo	Problemas digestivo; Ressaca
Barbatimão	Stryphnodendronadstringens	Casca	Chá	Úlcera; Diarreia
Cana-do-brejo	Costuscuspidatus	Folhas; hastes e raiz	Chá/Molho no álcool	Cálculos renais; expectorante; diurético
Caju	Anacardiumoccidentale	Folhas, casca	Chá	Diabetes; Colesterol e Triglicerideos
Camomila	Matricariachamomilla	Flores secas	Chá	Má digestão; Calmante
Canela	Cinnamomum	casca	Chá/Pó	Digestão; Reduz nível de açúcar no sangue.
Capim cidreira	Cymbopongoncitratus	Folhas	Chá	Calmante e Digestivo.
Erva – Doce	Foeniculumvulgare	Semente/Flor	Chá	Vômito; Gases
Erva de Santa Maria – Mastruz	Senebierapinnatifida	Folha/Flor	Chá/Emplastro/Sumo	Ronquidão; Câibras; Úlcera.
Eucalipto	Eucayiptusglobulus	Folhas	Fusão/Chá	Sinusite; Tosse
Gengibre	Zingiberzingiber	Rizoma (raiz)	Chá/Mastigável	Mau hálito; Cólica; rouquidão e

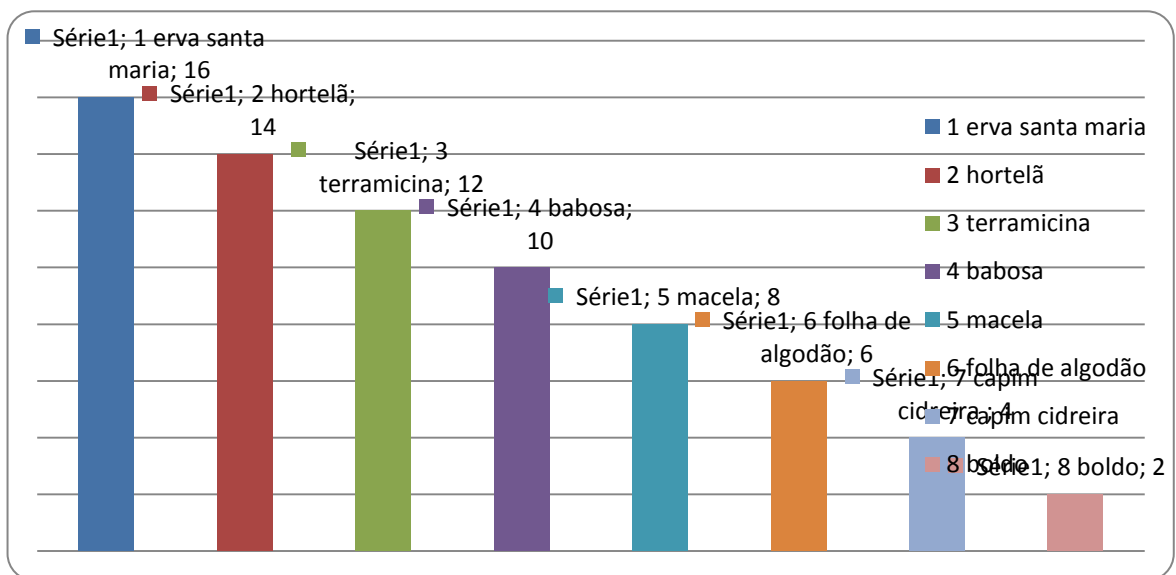
				culinária
Guaco	Mikaniaglomerata	Folhas	Chá	Tosse; Bronquite; Reumatismo.
Hortelã	Menta crispa	Folhas	Chá/Mel	Tosse; Cólica; Calmante
Limão	Citruslimonium	Folha e fruto	Chá	Asma; Gripe,
Louro	Laurusnobilis	Folhas	Chá	Dor de cabeça; de estômago, fígado; reumatismo
Manjerona	Origanummajorana	Folhas	Chá	Cólica; Gastrite; Reumatismo,
Macela	Achyroclinesatureioides	Flores	Chá	Calmante; Má digestão.
Maracujá	Passiflora edulis f. flavicarpa (maracujá amarelo)	Folha/Fruto	Chá/Suco	Calmante; Insônia.
Melissa	Labiatae (lamiaceae)	Folha	Chá	Insônia; Gripe; Enxaqueca; Reumatismo.
Milho	Zeamays	Cabelo	Chá	Diurético.
Pata de vaca	Bauhiniaforficata link	Folha	Chá	Calmante; Colesterol; Diabetes
Picão	Bindes pilosa	Tudo	Chá/Banho	Fígado
Poejo	Menthapulegium	Folha	Chá/Xarope	Diabetes; Má digestão; Gripe
Quebra pedra	Phyllanthusniruri l.	Folha	Chá/Emplastro	Diurético analgésico; relaxante
Tansagem	Phantagonajor L.	Folha	Chá	Diurético;

				Expectorante; Cicatrizante
Terramicina	Amaranthaceae.	Folha	Chá	Antiinflamatório; Antibiótico

Quadro (1): Listagem das plantas medicinais coletadas, com suas respectivas características e formas de preparo

Como percebemos são muito diversificadas as variedades de plantas medicinais conhecidas e utilizadas pelos moradores da comunidade do Pontal do Marape. Importante destacar que a sabedoria popular, que traduz os conhecimentos repassados das gerações anteriores para as gerações futuras, é um aspecto primordial, além de se configurar como parte de uma cultura que precisa e deve ser preservada. Daí a importância de pesquisas que registrem e valorizem essa prática sociocultural.

Devido ao fato de serem muitas as plantas medicinais apontadas pelos participantes da pesquisa, destacamos um total de 7 (sete) que foram mais citadas. No Gráfico a seguir estão as plantas mais citadas pelos entrevistados que moram na comunidade. Em seguida descrevo cada uma dessas sete plantas, com fotografias que ilustram de forma inequívoca a importância que a comunidade dá ao tratamento fitoterapêutico.



]Gráfico (2). Plantas medicinais mais citadas pelos entrevistados, no assentamento Pontal do Marape, Nova Mutum – MT 2014.

Como observamos no gráfico, as sete plantas medicinais mais citadas pelos participantes da pesquisa são: Erva de Santa Maria, Hortelã, Babosa, Macela, Algodão, Erva cidreira e Boldo. Para melhor entendimento, descrevemos, a seguir, detalhes de cada uma dessas plantas, acompanhadas de fotografias bastante esclarecedoras.

a) Erva de Santa Maria



Foto (9). Erva de Santa Maria (Mastruz). (Fonte: <http://www.remedio-caseiro.com/erva-de-santa-maria-e-suas-propriedades>). Acesso em: 11/Nov/2014.

A erva de santa maria (*chenopodiumambrosioides*), ou mentruz, também tem outros diversos nomes populares, como: mastruz, mastruço, ambrósia, matruz,

anserina, menstruz, mentraz, chá-do-méxico, quenopódio e erva-formigueira. Um dos usos mais populares dessa erva em nosso país é como vermífugo, sendo a planta comum a diversas fórmulas de vermífugos¹¹, pois contém em sua composição o ascaridol¹². Para esse fim, costumam fazer uma infusão na proporção de 10 gramas da planta para cada litro de água, tomando-a aos goles, durante o dia e associando-a ao óleo de rícino, tomando uma colher do óleo após tratamentocom o chá¹³.

b) Hortelã



Foto (10): Hortelã (Mentha Crispa). (Fonte:

<http://www.saudedica.com.br/hortela>). Acesso em: 11-Nov-2014.

Hortelã pode ser descrito como uma das ervas mais usados extensivamente no mundo da culinária. Hortelã é conhecida por seu aroma único e acrescenta uma

¹¹Vermífugoadj. e s.m. Diz-se de, ou remédio que destrói ou expulsa os vermes intestinais; vermícida. Fonte: <http://www.dicio.com.br/vermifugo/> Acesso 21-Nov-2014.

¹²Ascaridol. sm (ascáride+ol) Quím e Farm Peróxido terpenóide líquido que constitui o princípio antelmíntico e tóxico do óleo de quenopódio. O produzido sinteticamente é usado como catalisador na promoção de reações de polimerização. Fonte: <http://www.dicio.com.br/vermifugo/> Acesso 21-Nov-2014.

¹³Fonte: <http://www.remedio-caseiro.com/erva-de-santa-maria-e-suas-propriedades>. Acesso em: 11-Nov-2014.

mistura de frescor aos pratos. A característica verde e vibrante da hortelã faz com que pareça ainda mais exótico. É amplamente utilizado como em gomas de mascar, vários anti-séptico bucal e creme dental. Várias bebidas, sorvetes, xaropes, doces, molhos e muito, muitos pratos usam hortelã por causa do seu aroma. Ele também tem muitas propriedades medicinais e é conhecido por fazer maravilhas para o sistema digestivo¹⁴.

A Hortelã tem poucas calorias, mas contém muitos nutrientes. Ele fornece apenas 70 calorias por 100 gramas de seu consumo. Ele é uma rica fonte de fibra dietética e de Proteína. É rico em Vitamina C, vitamina B e Vitamina D e minerais como Magnésio, Ferro, sódio e Potássio¹⁵.

Benefícios da Hortelã para as funções digestivas: A Hortelã ajuda no fortalecimento dos órgãos digestivos e auxilia em uma digestão eficiente. Ele aciona o funcionamento das glândulas salivares e várias enzimas digestivas, que ajuda na digestão. É amplamente consumida quando uma pessoa sofre de dores de estômago e indigestão. Sabe-se que a Hortelã proporciona um efeito de arrefecimento¹⁶ e alivia os tratos digestivos. O Chá de Hortelã é frequentemente consumido por uma pessoa que sofre de prisão de ventre, pois é rica em fibras dietéticas que contribui com o movimento do intestino¹⁷.

Benefícios da Hortelã para a pele: A Hortelã é muito benéfico para a pele. Tem propriedades anti-inflamatórias e é ante-pruriginosas¹⁸; ele pode ser aplicado diretamente sobre as áreas que coçam. Ele pode ser usado como um purificador para remover a pele morta e podem ajudar a trazer brilho para a pele. A Hortelã é uma excelente fonte de antioxidantes e contém ácido rosmarínico¹⁹, que ajuda a combater os radicais livres e protege a pele contra o câncer de pele. Ele pode ser

¹⁴Fonte: <http://www.saudedica.com.br/hortela/>. Acesso 11-Nov-2014.

¹⁵Fonte: <http://www.saudedica.com.br/hortela/>. Acesso 11-Nov-2014.

¹⁶Arrefecimento: Ação ou efeito de arrefecer(-se). Diminuição observada na temperatura de; desaparecimento do calor; esfriamento. Figurado. Ausência de forças; perda do ânimo; desanimação. (Etm. arrefecer + (i)mento). Fonte: <http://www.dicio.com.br/arrefecimento/>. Acesso: 21-Nov-2014.

¹⁷Fonte: <http://www.saudedica.com.br/hortela/>. Acesso 11-Nov-2014.

¹⁸Pruriginoso. Que tem, que causa prurido, comichão: erupção pruriginosa. Fonte: <http://www.dicio.com.br/pruriginoso/> Acesso 21-Nov-2014.

¹⁹O ácido rosmarínico (AR) é um composto fenólico natural e apresenta atividades biológicas como antiinflamatória, hepatoprotetora, antioxidante e cardioprotetora, entre outras. Devido à suas importantes propriedades biológicas e presença na dieta, como temperos e ervas medicinais, torna-se relevante elucidar os efeitos do AR sobre o material genético. Fonte: Furtado (2010). <http://www.bv.fapesp.br/pt/bolsas/>. Acesso: 21-Nov-2014.

aplicado para a acne e espinhas. Tem efeito calmante e refrescante que ajuda na prevenção de acnes²⁰.

Benefícios da Hortelã contra o Câncer: Menta restringe o metabolismo das células cancerosas. Ele contém álcool perílico²¹ que limita o crescimento de células cancerígenas. O câncer de próstata pode ser prevenido pelo seu consumo, pois ajuda a desestabilizar a estrutura do DNA. Os carotenóides e retinóides também estão presentes na hortelã que é útil contra câncer de fígado²².

A hortelã é cultivada durante o ano inteiro, mas deve-se ter todo cuidado, pois é uma planta que não gosta de muito vento, porém, é de fácil cultivo, pode ser plantada em vaso ou no chão com adubo. Das vinte pessoas entrevistadas, 80% possuem em seus quintais vasos para cultivar a hortelã.

c) Babosa²³

²⁰Fonte: <http://www.saudedica.com.br/hortela/>. Acesso 11-Nov-2014.

²¹Extraído de frutas cítricas, o álcool perílico é um óleo que pode ser inalado. A substância age diretamente no sistema nervoso central e no tecido pulmonar inibindo a proliferação de células cancerígenas, sem afetar as saudáveis. Uma das vantagens do tratamento é não provocar os fortes efeitos colaterais que costumam ser causados pela radioterapia e a quimioterapia. Fonte: Vieira (2012). <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2012-07-22/pesquisadores>. Acesso: 21-Nov-2014.

²²Fonte: <http://www.saudedica.com.br/hortela/>. Acesso 11-Nov-2014.

²³Fonte: <http://www.tuasaude.com/babosa>. Acesso em: 11-Nov-2014.



Foto (11). Babosa. Fonte: <http://www.google.com.br>. Acesso em: 11-Nov-2014.

A babosa é uma planta medicinal, também conhecida como Caraguatá, Erva babosa, Babosa de botica ou Babosa de jardim, que pode ser utilizada em tratamentos de beleza em forma de gel, mas também em problemas de saúde, como infecções. O seu nome científico é *Aloeverae* e pode ser comprada em lojas de produtos naturais, farmácias de manipulação e algumas feiras livres e mercados²⁴.

i) Para que serve a babosa

A babosa serve para ajudar no tratamento da acne, queda de cabelo, anemia, artrite, dor de cabeça, dor muscular, queimaduras, feridas, gripe, insônia, pé de atleta, problemas de pele, inflamações, prisão de ventre e problemas digestivos²⁵.

ii) Propriedades da babosa e formas de uso

As propriedades da babosa incluem sua ação laxante, adstringente²⁶, anestésica, anticancerígena, anti-hemorrágica, anti-inflamatória, bactericida, cicatrizante, hidratante e fungicida. As partes utilizadas da babosa são as suas folhas e a sua seiva, a partir dos seguintes produtos:

²⁴Fonte: <http://www.tuasaude.com/babosa>. Acesso em: 11-Nov-2014.

²⁵Fonte: <http://www.tuasaude.com/babosa>. Acesso em: 11-Nov-2014.

²⁶Adstringente. Substância ou produto que adstringe. adj. Cujas propriedades adstringem; o que comprime, contrai, aperta. Que provoca constrição dos tecidos e diminui as secreções. Diz-se da substância que ocasiona constrição; que adstringe ou paralisa a cinética da musculatura lisa. Fonte: <http://www.dicio.com.br/adstringente/>. Acesso em: 21-Nov-2014.

- **Gel de babosa:** Abrir a folha, retirar o gel e misturar no liquidificador na proporção de 1 colher de gel para 1 copo de água. Aplicar na região a ser tratada (idem).
- **Suco de babosa:** Abrir duas folhas da babosa do gênero *Barbadensismiller* e retirar sua polpa. Misturar no liquidificador, adoçado com mel e 1 maçã, na proporção de 100g da polpa para 1 litro de água. Beber várias vezes durante o dia (Idem).

iii) Efeitos colaterais da babosa

Os efeitos colaterais da babosa incluem dor abdominal, diarreia, inflamação dos rins, ressecamento da pele, desmaio, hipotensão e nefrite (idem).

iv) Contraindicações da babosa

O uso interno da babosa está contra indicado para crianças, grávidas e durante a amamentação, assim como em pacientes com inflamações no útero ou ovários, hemorroidas, fissuras anais, pedras na bexiga, varizes, apendicite, prostatite, cistite, disenterias e nefrite (idem). É muito importante que o usuário certifique-se de que a babosa é a do tipo *Barbadensismiller*, pois esta é a mais indicada para o consumo humano. As outras podem ser tóxicas e não devem ser consumidas²⁷.

d) Algodoeiro (Algodão)

O algodoeiro (*Gossypiumherbaceum*) é uma planta da família Malvaceae utilizada na medicina natural de maneira ampla. Especula-se que a mesma tenha se originado na Ásia, embora haja registros de muito tempo atrás, 500 a.C., que falam sobre seu cultivo já em países como China, Índia e Egito. Falando de Brasil, o algodoeiro foi trazido para terras tupiniquins por volta do século XVIII. É um tipo de arbusto que possui ramificações, folhas longas e que dá origem à frutos solitários e de coloração amarela. Hoje em dia já foram constatadas cerca de quarenta espécies diferentes desta planta nativas das regiões tropicais e subtropicais²⁸.

Nos EUA as cascas de suas raízes já foram bastante utilizadas como indutoras de trabalho de parto ou agindo como forma eficaz de estancar o sangue

²⁷Fonte: <http://www.tuasaude.com/babosa>. Acesso em: 11-Nov-2014.

²⁸Fonte: <http://chabeneficios.com.br/cha-de-algodoeiro-beneficios>. Acesso: 21-Nov-2014.

pós-parto. Na China, suas sementes já foram utilizadas como anticoncepcionais masculinos, pelo fato das mesmas serem relacionadas à infertilidade (Idem).

Originário da Índia, o algodão é uma das matérias primas mais utilizada no mundo. A planta que dá origem a ele é o algodoeiro, que não se dá bem em climas frios. No território brasileiro, o algodão é produzido na Bahia, São Paulo e Paraná em forma de caroço (semente). É dessa semente que o óleo de algodão é extraído, servindo muito bem para produzir um óleo alimentício rico em antioxidantes naturais para prevenir o envelhecimento das células²⁹.



Foto (12). Algodoeiro. Fonte: <http://www.remediocaseiro.com>. Acesso em: 11-Nov-2014.

i) Sobre o Óleo de Algodão

O Óleo de Algodão é extraído da semente que também é conhecida como caroço do algodão. A utilização do caroço de algodão na produção de óleo

²⁹Fonte: <http://www.remedio-caseiro.com/oleo-algodao-fonte-juventude>. Acesso: 21-Nov-2014.

alimentício só foi possível depois que se conseguiu sua desodorização. O óleo de caroço de algodão tem um leve sabor de castanha, geralmente é límpido de cor dourada clara ao amarelo avermelhado, como os demais óleos seu grau da cor depende do grau de refinamento. O óleo é rico em tocoferol, um antioxidante natural o qual possui variados graus de vitamina E.³⁰

ii) Utilização do Óleo de Algodão

O óleo de algodão contém uma mistura de ácidos graxos saturados e insaturados, sendo seu principal componente o ácido linoleico. A deficiência dos ácidos graxos essenciais no seres humanos provoca alterações sobre a pele como descamações e ressecamentos. O Óleo de Algodão tem várias aplicações: Alimentício, Cosmético, Farmacêutico, Domissanitário, Iluminação, Lubrificação, Margarinas, Biscoitos, Chocolates, Sabões e Graxas³¹.

iii) Chá de algodoeiro – Um amigo da saúde da mulher³²

Tratando-se de medicina, seu chá é bastante indicado para casos clínicos diversos, especialmente para a substituição do leite materno, quando em falta, podendo assim, a partir do segundo ou terceiro dia se observar a produção do leite materno em maior quantidade.

Para que é indicado o chá do algodoeiro

- ✓ Aumento de produção de leite materno,
- ✓ Diminuição de hemorragias uterinas,
- ✓ Diminuição da espermatogênese,
- ✓ Melhora dos níveis de colesterol,
- ✓ Diminuição do tamanho da próstata,
- ✓ Casos de infecção renal, reumatismo ou diarreia,
- ✓ Diminuição de menstruação abundante.

³⁰Fonte: <http://www.campestre.com.br/oleo-de-algodao.shtml>. Acesso em: 11-Nov-2014.

³¹Fonte: <http://www.campestre.com.br/oleo-de-algodao.shtml>. Acesso em: 11-Nov-2014.

³²Fonte: <http://chabeneficios.com.br/cha-de-algodoeiro-beneficios-e-propriedades/> Acesso: 21-Nov-2014.

Para realização do chá, utilize duas colheres de sopa da planta para um litro de água mineral. Deixe ferver por cerca de dez minutos. Em seguida, coe e beba o chá, de preferência morno, três vezes ao dia.

✓ **Contra-indicações**

Não ministrar o chá de algodoeiro em casos de mulheres que desejam engravidar devido à presença de carapsina nos princípios ativos do algodoeiro. A ingestão desse líquido faz com que o óvulo não implante corretamente no útero. Em alguns casos raros e isolados o efeito do chá de algodoeiro não surte o efeito esperado, aumentando o fluxo menstrual ao invés de diminuí-lo. Caso isto aconteça, o uso do chá deve ser interrompido e um médico deve ser consultado.

e) Capim Cidreira



Foto (13). Capim Cidreira. Fonte: <https://www.google.com.br>. Acesso em: 11-Nov-2014.

O nome científico da planta é *ymbopogoncitratatus*, mas ela também é conhecida como capim-limão. Os benefícios trazidos pelo consumo regular dessa infusão são muitos graças às suas propriedades medicinais³³.

i) Benefícios do chá de capim cidreira

- Efeito calmante
- Melhora a qualidade do sono
- Alivia dores de cabeça
- Ação analgésica contribui para o combate das cólicas
- Efeito diurético elimina a retenção de líquidos
- Ajuda na digestão
- Controla os gases intestinais
- Promove sensação de bem-estar

O capim-cidreira é uma planta robusta que cresce formando touceiras. As touceiras são vários troncos dividindo o mesmo sistema radicular, como se fosse um arranjo feito pela própria natureza. As suas folhas parecem lâminas, cortam com muita facilidade. É necessário muito cuidado para manuseá-la a fim de não machucar as mãos. Suas folhas são longas e de coloração verde-claro podendo atingir até um metro de altura. É uma planta de origem asiática, mas muito cultivada no Brasil. Seu aroma é muito agradável e parece muito com o perfume do limão. A parte da planta a ser utilizada são as folhas. O capim-cidreira é uma planta que se adapta muito bem em qualquer ambiente. Pode ser cultivada num vaso em casa ou no jardim. Ela é bastante resistente e serve para perfumar o ambiente, além de enfeitá-lo³⁴.

f) Macela

³³Fonte: <http://bemleve.bolsademulher.com/3794/cha-de-capim-cidreira-reduz-o-inchaco-e-melhora-o-sono>. Acesso em: 11-Nov-2014.

³⁴Fonte: <http://www.colegioweb.com.br/saude/capim-cidreira-beneficios>. Acesso: 11-Nov-2014.



Foto (14). Macela. Fonte: <http://www.remedio-caseiro.com/macela>. Acesso: 11-Nov-2014.

Planta arbustiva, de médio porte, pode chegar até a 1,5m de altura. Suas folhas, de coloração verde clara, um tanto quanto prateada, são estreitas, lanceoladas, com presença de muitos pelos, o que as deixa com uma sensação gostosa ao tato, lembrando um pouco um veludo. As flores são de coloração amarelo bem claro e aparecem nas pontas dos ramos. Lembram um pouco as flores sempre-vivas, pois possuem pouca água na sua composição e, quando secas, ficam com a mesma aparência das flores frescas.

O chá de macela é indicado para tratamento de disfunções gástricas e digestivas, diarreia, fígado, pâncreas, colite, vesícula, inapetência, disenterias, distúrbios menstruais, enjôos, náuseas, vômitos, sedativo, analgésico. Auxilia também na diminuição do colesterol e até mesmo da agregação plaquetária.

g) Boldo



Fig. (15). Boldo. Fonte: <http://saude.umcomo.com.br>. . Acesso em: 11-Nov-2014.

O boldo é uma planta medicinal originária do Chile, bastante utilizada para tratar de problemas de estômago ou fígado. Esta planta tem um aroma forte idêntico ao da hortelã. O chá de boldo contém bastantes propriedades terapêuticas no que diz respeito ao trato digestivo, uma vez que contém uma substância que digere gorduras, a lactona. Esta substância também pode auxiliar na perda de peso devido ao seu efeito diurético. Em seguida mostramos quais são os benefícios do chá de boldo³⁵.

i) Indicações do Chá de Boldo

³⁵Fonte: <http://saude.umcomo.com.br>. Acesso em: 11-Nov-2014.

O chá de Boldo é um eficaz remédio no auxílio de distúrbios digestivos, prisão de ventre, gastrite e problemas hepáticos. Devido à substância lactona, consegue digerir gorduras, por isso pode ser utilizado em dietas de redução de peso.

ii) Preparo do Chá de Boldo

O chá de boldo pode ser feito tanto com folhas verdes como com folhas secas, que pode encontrar em lojas de produtos naturais, supermercados, farmácias ou até poderá plantá-lo em casa na sua horta. Para preparar esta infusão deve colocar água a ferver, verter a água em uma xícara e adicionar uma colher de sopa de folhas de boldo. Deixe repousar durante 10 minutos e, de seguida beba. Pode beber esta infusão três vezes ao dia, pode ser após uma refeição, ou antes, de deitar³⁶.

iii) Contra-indicações do chá de Boldo

Devemos ter atenção às quantidades ingeridas de chá de Boldo, pois o seu consumo excessivo pode ser nocivo para o sistema nervoso. As mulheres grávidas ou em período de lactação devem evitar o seu consumo, assim como crianças ou em casos de obstrução das vias biliares³⁷.

h) Terramicina

Fig. (16). Planta terramicina.

³⁶Fonte: <http://saude.umcomo.com.br/articulo/beneficios-do-cha-de-boldo>. Acesso em: 11-Nov-2014.

³⁷Fonte: <http://saude.umcomo.com.br/articulo/beneficios-do-cha-de-boldo>. Acesso em: 11-Nov-2014.



Fonte: <http://curaplantas.xpg.uol.com.br/fotosplantas.html>. Acesso: 24-Nov-2014.

Da família das Amaranthaceae e brasileiríssima até no nome, a *Alternanthera brasiliana* é uma herbácea ereta que atinge até 120cm de altura (a var. *brasiliana*, de menor porte, atinge 50-60cm). Possui diversos nomes ao longo de todo o território em que ocorre, sendo chamada Perpétua-do-Brasil, penicilina, periquito, e até mesmo doril, em alusão às propriedades medicinais que possui. As folhas possuem coloração que varia desde o arroxeado escuro, até o bordô vibrante, o que lhe indica para a composição de maciços ao lado de plantas com folhagem semelhante e de coloração verde, a alternância entre as cores dando movimento e vivacidade ao jardim. Chamada também de Doril, possui propriedades medicinais analgésicas e é utilizada na medicina popular tanto no litoral brasileiro, quanto na Amazônia, entre os

índios. Tem propriedades analgésicas, anti-inflamatórias e também age como antibiótico potente³⁸.

As folhas de terramicina têm propriedades desinfectantes e podem ajudar a curar feridas ulcerosas, pode-se associar a erva lanceta para o tratamento de gastrite. Preparação: Uma mão cheia de folhas, ferver em 1 litro de água durante 20 minutos. Dosagem: tomar um copo de chá 3 vezes ao dia. Lavagem de ferida 3 vezes ao dia até curar³⁹.

Com efeito, no Pontal do Marape as pessoas da comunidade utilizam sistematicamente diferentes espécies de plantas medicinais como alternativa no tratamento de diversas doenças. Em nossa pesquisa identificamos cinquenta (50) espécies, sendo que sete (7) foram citadas por todos os entrevistados, conforme descrição anterior.

Com efeito, identificamos sérios problemas enfrentados pelos assentados, que dificulta o cultivo ou a incidência das plantas medicinais, as quais são, na maioria dos casos, nativas. Todavia, existem plantas que, por seu uso mais sistemático, são cultivadas nas casas e têm cuidados espec. Dentre os problemas o destaque fica a conta da devastação da área, preparada para plantação de soja, milho e também criação de gado leiteiro ou de corte.

Não obstante, na área que é a reserva legal, a comunidade tem o compromisso de manter o local preservado, conservando uma grande biodiversidade, onde encontramos muitas plantas que podem ser consideradas medicinais. Percebemos, também, que existe uma ação de alguns pesquisadores que, mediante estudos, ampliam os conhecimentos etnobotânicos.

Esses pesquisadores contribuem com a comunidade quando estudam a prática tradicional de cura com as plantas medicinais, para avaliar a eficácia da qualidade e a segurança do uso das plantas. Os cursos possibilitam conhecer os valores terapêuticos das plantas a partir dos estudos etnobotânicos, o que favorece que a comunidade possa também se apoderar desses conhecimentos.

Com efeito, no relato das 20 pessoas entrevistadas, todas afirmam fazer o uso das plantas medicinais no tratamento de diversas enfermidades. Todos os entrevistados afirmam que têm seus cultivos nos quintais e horta de suas propriedades, mas também fazem uso de outras plantas medicinais nativas. De

³⁸Fonte: <http://jardimdeervas1.blogspot.com.br/2012/06/terramicina.html>. Acesso: 24-Nov-2014.

³⁹<http://www.mct.gov.mz/portal/page>. Acesso: 24-Nov-2014.

acordo com os entrevistados para obter as plantas medicinais eles contam com os conhecimentos tradicionais, que foi atribuído ao longo da experiência de vida, e também têm a preocupação em manter a existência das espécies dentro da comunidade.

Como pudemos ver, na medicina popular são usados medicamentos naturais e caseiros (via plantas medicinais). As pessoas aprendem a usar as ervas medicinais com os pais e com as pessoas mais velhas, mas também aprendem fazendo cursos específicos. Além de ser um remédio natural, o uso de remédios caseiros pode ser uma forma de economizar na compra de outros medicamentos advindos das farmácias. Todos costumam fazer o uso de ervas medicinal para cura de alguma enfermidade, seguindo uma tradição familiar, como é o caso do uso de terramicina, tançagem, boldo, arruda, erva santa Maria, etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após análise dos dados obtidos, das leituras dos textos dos diversos autores que embasaram a pesquisa como Lorenzi e Matos (2002), Creswell (2007), Caldart (2000), dentre outros, pode-se concluir que as pessoas fazem uso de plantas medicinais e que estas fazem parte de uma cultura que prevalece ao longo história da humanidade.

A pesquisa realizada teve o objetivo caracterizar as informações etnobotânica sobre as plantas medicinais, indicada pelas pessoas entrevistadas no assentamento Pontal do Marape MT, que fazem uso das plantas medicinais para prevenção e tratamento de diversas doenças. Para tanto, foi realizado um levantamento sobre as espécies de plantas mais indicadas e os saberes de como colher e as formas de uso.

A pesquisa evidenciou que o tratamento com plantas medicinais é difundido e aceito pelas pessoas entrevistadas, que as utilizam nos tratamentos de várias enfermidades. Não obstante, a utilização dessas plantas requer conhecimento e muito saber etnobotânico farmacológico para o devido entendimento das propriedades toxicológicas. Por serem plantas cultivadas nos quintais ou nativas, elas podem-se tornar prejudicial à saúde se colher ou consumir de forma inadequada. Por isso é preciso ter orientação de pessoas com experiências no assunto acerca de plantas medicinais para obter melhor resultado sem prejudicar a saúde.

Percebeu-se que o cultivo das plantas permanece de forma abrangente nos quintais e hortas caseiras. A planta nativa tem um potencial igualitário na forma de utilização e os cuidados de conservação para a saúde, isso já vem de geração para geração ao longo dos anos, numa relação permanente entre o homem e a natureza.

Com efeito, a pesquisa constatou que, sabendo fazer o uso adequado das plantas medicinais, a pessoa não tem custo nenhum, e a cura ocorre, desde que a doença não seja crônica ou de maior complexidade. Como exemplo, cito o tratamento para bronquite, pois, uma colega me passou a receita que faço uso sempre que preciso, fazendo xarope, utilizando casca de jatobá, eucalipto, limão, alho e mel. Também uso chá de raiz e folha de salsinha que serve para infecção de bexiga; de Erva Santa Maria com leite que é eficaz no tratamento de verme; de erva

cidreira que é calmante; de alho macerado que serve para qualquer infecção, e de folha de amora que é um ótimo remédio para reposição hormonal.

Sendo assim, os resultados da pesquisa nos mostram que as plantas medicinais não só são usadas como uma prática de medicina alternativa pela comunidade do Pontal do Marape, como também é parte de uma cultura que é preservada. Todos, desde criança, aprendem a valorizar e usar as plantas medicinais mediante a ação dos mais velhos, que se preocupam em repassar os conhecimentos e saberes para os mais novos, favorecendo a perpetuação de uma parte importante da cultura do homem do campo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Severina Alves de, ALBUQUERQUE, Francisco Edviges e AOKI, Ana Paula. Etnografia e Observação Participante: O Trabalho de Campo e a Pesquisa Qualitativa no Contexto Indígena Apinayé. In. ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; ALMEIDA, Severina Alves de. **Educação Escolar Indígena e Diversidade Cultural**. Editora da PUC, Goiás – Goiânia, 2012.

ALMEIDA, Severina Alves de. **A Educação Escolar Apinayé na Perspectiva Bilíngue e Intercultural: Um Estudo Sociolinguístico das Aldeias São José e Mariazinha**. Dissertação. 2011. Disponível: www.uft.edu.br/ppgl-mell. Acesso: 15-Nov-2014.

ALVARENGA, CLAUDINEI MARIANO. **A Educação do Campo no Assentamento Pontal Do Marape**. Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC, da Universidade de Brasília. 2013. Disponível: www.unb.br. Acesso: 10-Nov-2014.

ALVES, Andréa Regiani, SILVA, Maria Júlia Paes da. O uso da fitoterapia no cuidado de crianças com até cinco anos em área Central e periférica da cidade de São Paulo. Rev. Esc. Enferm USP, 2003.

ATAÍDE, Denyse Mota da Silva. **Letramento Digital e Formação de Professores: Limites e Potencialidades na Perspectiva do Plano Nacional De Formação De Professores (PARFOR)**. Dissertação. 2012. Disponível: www.uft.edu.br/ppgl/mell. Acesso 11-Nov-2014. Acesso 20-Nov-2014.

BRASIL. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo**. Resolução CNE/CEB Nº.1 de 3 de Abril de 2002.

BRASIL. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo (2010). censo2010.ibge.gov.br/. Acesso:12-Nov-2014.

CALDART, Roseli Salete. **Educação do Campo**. In: Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola**/Roseli Salete Caldart. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

CHECHETTO, F. Plantas medicinais, transdisciplinaridade e saúde coletiva – Lages: **Revista de Ciência Agroveterinárias**. 2006.

CORDEIRO, Georgina N. K.; REIS, Neila da Silva; HAGE, Salomão Mufarrej. Pedagogia da Alternância e seus desafios para assegurar a formação humana dos sujeitos e a sustentabilidade do campo. **Em Aberto, Brasília**, v. 24, n. 85, p. 115-125, abr. 2011. Disponível online: <http://emaberto.inep.gov.br>. Acesso: 15-Nov-2014.

COSTA, Valquiria Gabriel da. **A Escola Municipal do Campo Jorge Carlos Ferreira**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Faculdade UnB Planaltina. 2013. Disponível: www.unb.br. Acesso: 10-Nov-2014.

CRESWELL, John w. **Projeto de pesquisa qualitativa, quantitativa e mista**. 2 Ed. Porto Alegre: Artmed. 2007.

FURTADO, Ricardo Andrade. **Avaliação do efeito do ácido rosmarínico sobre os danos de DNA em células de mamíferos in vivo e in vitro e sobre a carcinogênese de cólon de ratos**. <http://www.bv.fapesp.br/pt/bolsas/>. 2010. Acesso: 21-Nov-2014.

GIL, A, C. **Métodos e técnicas em pesquisa social**. 9ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIRALDI, Mariana e HANAZAKI, Natalia. **Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais no Sertão do Ribeirão**, Florianópolis, SC, Brasil, 2010.

LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. Nova Odessa: Plantarum, 2002.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica: ciência e conhecimento científico**.5.ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MOLINA, Mônica Castagna. Políticas Públicas. In **Dicionário da Educação do Campo**. CALDART, et. all. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

MONTELES, Ricardo; PINHEIRO, Claudio Urbano B. Plantas medicinais em um quilombo maranhense: uma perspectiva etnobotânica. **Revista de Biologia E Ciências da Terra**. Volume 7 – numero 2-2º semestre 2007.

OLIVEIRA, Lia Maria Teixeira de.; CAMPOS, Marília. Educação Básica do Campo. In **Dicionário da Educação do Campo**. CALDART, et. al. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

PILLA, Milena Andrea Curitiba, AMOROZO, Maria Christina de Mello e FURLAN, Antonio. **Obtenção e uso das plantas medicinais no distrito de Martim Francisco**, Município de Mogi – Mirim, SP, Brasil. 2006.

RECK, Jair. (Org). **Novas perspectivas para Educação do Campo em Mato Grosso: (Re) significando a aprendizagem e a vida**. Cuiabá: Defanti, 2007.

REZENDE, Helena Aparecida, COCCO, Maria Inês Monteiro. **A utilização de fitoterapia no cotidiano de uma População Rural**. 2002.

RIBEIRO, Marlene. Pedagogia da Alternância na Educação Rural do Campo: projeto em disputa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 34, jan/abr. 2008. Material impresso.

RODRIGUES, A. C. C.; GUEDES, M. L. S. Utilização das plantas medicinais no Povoado Sapucaia, Cruz das Almas Bahia. **Rev. Bras. Pl. Med.**, Botucatu, v.8, n.2, 2006.

ROGER, Jorge Pamplona. **O poder medicinal dos alimentos**. Tradução Dóris A. de Matos. Tatuí, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

ROSSETTO, Edna R.Araujo; SILVA, Flávia Tereza. Ciranda Infantil. IN: CALDART, Roseli; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Orgs.). Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012.

SPETHMANN, Carlos Nascimento. **Medicina Alternativa de A a Z**. 6^o Edição, Editora Natureza. Uberlândia, MG. – 1967.

TOMAZZONT, Marisa Ines, NEGRELLE, Raquel Rejane Bonato e CENTA, Maria de Lourdes. **Fitoterapia Popular: A busca instrumental enquanto pratica terapêutica**. 2006.

UNB. Universidade de Brasília. Faculdade de Planaltina – FUP. Licenciatura em Educação do Campo. **Projeto Político-Pedagógico do Curso**. 2009. Disponível: www.unb.br. Acesso 10-Nov-2014.

VIEIRA, Isabela. Pesquisadores estendem uso de álcool perílico a tratamento de câncer de pulmão. 2012. <http://memoria.ebc.com.br/> Acesso 21-Nov-2014.

SITES DA WEB CONSULTADOS

<http://www.unb.br/noticias/unbagencia/unbagencia>. Acesso: 21-Nov-2014.

<https://www.google.com.br/>. Acesso em: 09-Nov-2014

http://pt.wikipedia.org/wiki/Geografia_de_Mato_Grosso:Acesso 11.Nov.2014;

http://pt.wikipedia.org/wiki/Nova_Mutum. Acesso em: 09-Nov-2014

<http://www.novamutum.mt.gov.br/>. Acesso em 09-Nov-2014

www.incra.gov.br/incra-mt. Acesso 10-Nov-2014.

<http://www.fup.unb.br/>. Acesso em 09-Nov-2014).

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Simbiose>. Acesso em: 17-Nove-2014.

<http://www.cee.unifesp.br/etnofarmacologia.htm>. Acesso em 11-Nov-2014.

<http://www.cee.unifesp.br/etnofarmacologia.htm>. Acesso em 11-Nov-2014.

<http://www.remedio-caseiro.com/erva-de-santa-maria-e-suas-propriedades>). Acesso em: 11/Nov/2014.

<http://www.dicio.com.br/vermifugo/> Acesso 21-Nov-2014

<http://www.saudedica.com.br/hortela>. Acesso em: 11-Nov-2014.

<http://www.remedio-caseiro.com/erva-de-santa-maria-e-suas-propriedades>. Acesso em: 11-Nov-2014.

<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2012-07-22/pesquisadores>. Acesso: 21-Nov-2014.

<http://www.google.com.br>. Acesso em: 11-Nov-2014

<http://www.tuasaude.com/babosa>. Acesso em: 11-Nov-2014

<http://chabeneficios.com.br/cha-de-algodoeiro-beneficios>. Acesso: 21-Nov-2014.

<http://www.remediocaseiro.com>. Acesso em: 11-Nov-2014.

<http://www.campestre.com.br/oleo-de-algodao.shtml>. Acesso em: 11-Nov-2014.

<http://www.campestre.com.br/oleo-de-algodao.shtml>. Acesso em: 11-Nov-2014.

<http://chabeneficios.com.br/cha-de-algodoeiro-beneficios-e-propriedades/> Acesso: 21-Nov-2014.

<http://bemleve.bolsademulher.com/3794/cha-de-capim-cidreira-reduz-o-inchaco-e-melhora-o-sono>. Acesso em: 11-Nov-2014.

<http://www.remedio-caseiro.com/macela>. Acesso: 11-Nov-2014.

<http://www.colegioweb.com.br/saude/capim-cidreira-beneficios>. Acesso: 11-Nov-2014.

<http://saude.umcomo.com.br>. Acesso em: 11-Nov-2014.

<http://saude.umcomo.com.br/articulo/beneficios-do-cha-de-boldo>. Acesso em: 11-Nov-2014.

ANEXO 1.

Anexos I; Questionário da Pesquisa

Questões da entrevista realizada com os moradores do Assentamento Pontal do Marape, Município de Nova Mutum – MT.

1. Nome completo, idade e onde nasceu?
2. O que você entende por “Medicina Popular”?
3. Como você aprendeu a usar as ervas medicinal? Caso tenha aprendido a utilizar com alguém, quem foi ex. pais, avós, etc.?
4. Qual e a importância de fazer uso de plantas medicinais?
5. Você costuma fazer uso de ervas medicinal para curar alguma enfermidade? Como descobriu?
6. Quais plantas medicinais nativas e cultivadas que são mais conhecidas e utilizadas para o tratamento de doenças no assentamento?
7. De que maneira é feito o cultivo, a colheita e a secagem das ervas?
8. Quais ervas que costuma utilizar, e para que serve?
9. Você acha que atualmente o uso dessas ervas medicinais diminuiu? Por quê?
10. Você acha que essa nova geração tem habito de usar remédio caseiro para curar doenças da família?
11. Você agora se for necessário tomar medicamentos prefere recorrer a farmácia, ou se medicar com remédio caseiro?
12. Após preparar um xarope ou qualquer outro remédio caseiro, existe prazo de validade?
13. Você acha que as invenções e as descobertas científicas podem tomar o espaço da sabedoria popular?